



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

LÚCIA REGINA OLIVEIRA E PINHO

TRÓTULA DE SALERNO:
périplo na história e historiografia

Brasília

2016

LÚCIA REGINA OLIVEIRA E PINHO

TRÓTULA DE SALERNO:
périplo na história e historiografia

Monografia apresentada ao Departamento de História, do Instituto de Ciências Humanas, da Universidade de Brasília, para a obtenção de grau de licenciada em História, sob orientação da Professora Dra. Cláudia Costa Brochado.

Brasília

2016

Agradeço à Dra. Cláudia Costa Brochado que, ao me apresentar à Trótula de Salerno, lapidou meu olhar sobre a trajetória das mulheres na história e historiografia.

RESUMO

Do século XI ao XV, o nome que se impõe como autoridade em medicina das mulheres é Trótula de Salerno, a quem se atribuía a autoria de tratados médicos nos campos da ginecologia, obstetrícia e cosmética que adquiram ampla divulgação na Europa Ocidental. Não obstante as fortes evidências de sua existência, de suas credenciais como médica, escritora e mestra na Escola Médica Salernitana, sua historicidade foi periódica e progressivamente questionada, a partir do século XVI até os dias atuais. O presente trabalho objetiva realizar um estudo sobre a trajetória de Trótula de Salerno na história e na historiografia. Inicia por meio da contextualização do espaço de Trótula que abre possibilidades para a cidade de Salerno, no sul da Itália, tornar-se o epicentro do estudo e práticas médicas no século XI a XIII e analisa a importância da Escola Médica Salernitana neste processo. Em seguida, avalia-se a reputação das mulheres na prática médica em Salerno e se examina os tratados amplamente atribuídos à Trótula de Salerno no curso de cinco séculos. A segunda parte do trabalho se propõe a analisar o percurso da historiografia no processo de construção, desconstrução e reconstrução de Trótula. Por fim, coteja-se esse processo com as teorias das relações entre os sexos de Prudence Allen, no convencimento de que as hipóteses e conjecturas historiográficas, suscitadas periodicamente, configuraram-se mais em uma decisão política do que em uma decisão científica.

Palavras-Chave: Trótula, Salerno, Escola Médica Salernitana, *De passionibus mulierum*, *De curis mulierum*, *De ornatu mulierum*, manuscritos.

ABSTRACT

From the eleventh to the fifteenth century, Trotula of Salerno was the authority on women's medicine and was attributed the authorship of medical treatises in the fields of gynecology, obstetrics and cosmetics which spread amply in Western Europe. Despite the strong evidence of her existence, her credentials as a physician, writer and teacher at the Salernitan Medical School, her historicity was periodically and progressively questioned, from the sixteenth century until the present day. The present work aims to carry out a study on the trajectory of Trotula de Salerno in history and historiography. It begins with the contextualization of the space of Trotula that opens possibilities for the city of Salerno in southern Italy to become the epicenter of medical study and practices in the eleventh to thirteenth centuries and analyzes the importance of the Salernitana Medical School in this process. Next, the reputation of women in medical practice in Salerno is examined and the treatises widely attributed to Trotula of Salerno are examined over the course of five centuries. The second part of the paper proposes to examine the course of historiography in the process of construction, deconstruction and reconstruction of Trotula. Finally, this process is compared with Prudence Allen's theories of relations between the sexes, in the conviction that historiographical hypotheses and conjectures, raised from time to time, were more a political decision than a scientific decision.

Keywords: Trotula, Salerno, Salernitan Medical School, *De passionibus mulierum*, *De curis mulierum*, *De ornatu mulierum*, manuscripts.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1. Capítulo.....	11
1.1. Opulenta Salerno.....	11
1.2. <i>Schola Medica Salernitana</i>	12
1.3. O conhecimento médico aporta em Salerno.....	15
1.4. <i>Magistra mulier sapiens</i>	18
1.5. Dos tratados: <i>De passionibus mulierum curandarum ante, in et post partum, De curis mulierum e De ornatu mulierum</i>	22
2. Capítulo.....	32
2.1. <i>Vexata quaestio</i>	32
2.2. Complexa querela historiográfica.....	33
2.3. A política sexual na Idade Média e seus reflexos na historiografia de Trótula.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	52
1. Bibliografia.....	52
2. Fontes primárias.....	54
3. Iconografia.....	54

INTRODUÇÃO

Durante toda a Baixa Idade Média, um conjunto de textos médicos versando sobre os cuidados da saúde da mulher circularam na Europa, sob o nome de *Trotula*. A compilação medieval consistia na reunião de dois tratados latinos – o *Liber de sinthomatibus mulierum* (*De passionibus mulierum*) e o *De Ornatu mulierum*, aos quais se reúne até o final do século XII, um terceiro tratado - *De curius mulierum*, para formar o compêndio *Trotula*. Tais tratados, traduzidos para a maioria das línguas vulgares do medievo, gozavam de ampla admiração e reconhecimento. De modo independente ou individualmente, versões estandardizadas de tais tratados circulavam durante toda a Idade Média, com notório caráter paradigmático para uma tradição de escritos médicos produzidos na Europa e para além de suas fronteiras. Com efeito, pode-se afirmar que a difusão deste material, a partir do século XII, inaugura um gênero de literatura médica dedicada ao cuidado do corpo, saúde e sexualidade da mulher.¹

Em grande parte desse período, a autoria dos tratados que compõem o compêndio era atribuída à pluma daquela que o intitulava – Trótula, *Magistra mulier sapiens* de Salerno, que desfrutava a reputação de ser especialista em questões da saúde da mulher e a elas se direcionar em seus escritos.

Estudiosas e estudiosos sempre se deparam com referências à sábia médica Trótula de Ruggiero ou Trótula de Salerno. De acordo com a tradição medieval, trata-se de uma personagem intrigante. Reputa-se ter vivido entre o século XI e XII, em Salerno, e ter sido esposa e mãe de ilustres médicos e tratadistas salernitanos. Foi identificada como membro ilustre da *Schola Medica Salernitana*, onde ensinou e participou ativamente da vida intelectual.²

O principal tratado a ela atribuído traduzirá naturalmente sua experiência prática como médica, ao tempo que demonstra seu preparo teórico-científico. Assim, abordará amplos temas ligados à ginecologia, obstetrícia, cuidados com o recém-nascido, incluindo problemas psicológicos ligados à sexualidade e causas fisiológicas da infertilidade, dentre muitos outros. Característica notável é sua preocupação em abrandar o sofrimento do paciente. Esse conjunto de manuscritos em latim circularam pela Europa Ocidental, onde o latim era a língua franca das elites letradas; sendo que, a partir do século XIII, quando traduzido para as línguas vernáculas, adquire ampla divulgação em toda Europa. Apesar de sua importância histórica, só será

¹GREEN, Monica H. *The Trotula: an english translation of the medieval compendium of women's*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2001, p.11-12.

²BERTINI, Ferruccio. *Trotula, il medico*. In: _____. *Medioevo al femminile*. Bari: Editori Laterza, 2005, p. 100.

impresso no século XVI, por obra e iniciativa do médico e humanista alemão Georg Kraut.³

É exatamente no século XVI, logo após a primeira edição impressa, que se positiva, no mundo acadêmico, uma mudança de atitude com relação à Trótula e seus manuscritos. O panorama se altera. Escritores renascentistas, em sua grande parcela, historiadores da medicina, questionarão a atribuição da autoria dos manuscritos a uma mulher do século XI/XII. Instala-se o debate sobre a existência histórica de Trótula, o sexo e a identidade do autor (a) ou autores dos manuscritos sob seu nome. A *magistra* passará de figura histórica à lendária, alteração que se estenderá pelos séculos seguintes. Apresentam-se razões de natureza diversificada para desconstruir ou obliviar Trótula e a obra a ela imputada. A primeira confrontação argumenta que o autor de fato seria um escravo liberto e médico do Império de Júlia - irmã do imperador Augusto, cujo nome seria exatamente Trottus. Contestam-na sob argumentos que variam da incapacidade da mulher medieval para se ativar como médica, mestra e escritora a erro de interpretação dos registros contidos nos tratados. Parte dos manuscritos aparecem sob variações de seu nome como *Trote*, *trot0*, *tt '*, *tt°*, *Trotta*, *Trocta*, *Trocula*, *Truta*, *Trota* e *Trutella*, portanto, concluíram que tais abreviações induziram a erro a sociedade da Europa Ocidental na Idade Média.

Dentre outras refutações mais tecnicamente elaboradas, algumas estudiosas e estudiosos aduzem que Trótula foi, originariamente e apenas, o título dessa obra e não a referência ao seu autor. Que tal conjunto de manuscritos teria sido compilado no século XII por um anônimo, que acrescentou mais material e passou a circular sob o nome a *Summa que dicitur "Trotula"* – o compêndio nominado doravante apenas como *Trotula*. Admitem que foi sem dúvida o mais popular conjunto de escritos sobre a medicina da mulher do século XII ao XVI, tendo desempenhado importante papel na medicina medieval.⁴ Não obstante a riqueza de seu conteúdo, que pode elucidar muitas dúvidas sobre a vida e a medicina na Idade Média, o debate sobre a autoria permaneceu como foco principal das historiadoras, historiadores, escritoras e escritores de Trótula.

Assim, o século XX herdou esse conflito em torno dos manuscritos médicos de Salerno, trazendo diversos pontos de vista conflitivos que se encerram, em última análise, na questão da mulher e seu papel na sociedade medieval. Os posicionamentos variados dos estudos nos conclamam a enfrentar inúmeras questões de plausibilidade histórica. Primeiramente, sobre a possibilidade de a Salerno do século XI/XII comportar uma figura feminina dentre suas

³GREEN, op.cit., p. 12.

⁴ Ib., p. 12

autoridades. Ou seja, teria existido de fato uma Trótula de Ruggiero? Tendo existido, seria possível lhe atribuir a redação dos manuscritos médicos que a Idade Média lhe conferiu amplamente? Essa questão impõe verificar em sequência se o conhecimento científico do século XI/XII pode propiciar a elaboração de tratados de igual monta. Uma mulher do século XI/XII se ativar como médica e mestra de medicina seria factível ou a ela seria apenas concebido, na melhor das hipóteses, o posto de mera parteira? No caso de Trótula, uma renomada *levatrice*. E como parteira, teria capacidade de escrever tratados com arcabouço teórico e prático da envergadura do compêndio *Trotula*?

Afastando os clichês e preconceitos - adquiridos de uma longa tradição historiográfica - que cercam a sociedade e cultura da Idade Média, como o obscurantismo, atraso e a misoginia, urge analisar a gama de direito e a esfera de poder que detiveram as mulheres no período. O posicionamento da historiografia medievalista, que se delinea no século XX, aponta no sentido da existência de espaços de liberdade de atuação da mulher na sociedade medieval, que encontrará insofismável deterioração ao ocaso do período e início da Idade Moderna.

Sob o prisma historiográfico, político e cultural, a análise da pseudonimização de Trótula nos leva a refletir sobre o que se escondeu por trás das tentativas de se lhe atribuir uma identidade masculina. O percurso da história da médica de Salerno - de mulher empoderada na Idade Média a pseudônimo na Idade Moderna -, é iluminado pelo estudo da política sexual de Prudence Allen, como analisado por María-Milagros Rivera Garretas.⁵

Como realça Kate Campbell Hurd-Mead, a identidade de Trótula como uma médica e especialista em doenças da mulher não foi questionada entre os séculos XII e XVI. A sociedade medieval, incluindo estudiosos e médicos, acolheu a sua reputação de médica mais notável em seu tempo, de sorte que sua existência histórica não restou negada no vagar desses quatro séculos - como inquestionado também era seu sexo.⁶

A relevância do estudo da prática médica por Trótula de Ruggiero, entre os séculos XI e XII, não reside apenas em sua presença e plenitude dos vários papéis que detém na sociedade salernitana e *extra muros*. A arquitetura historiográfica engendrada silenciosamente a partir do século XVI, e reforçada no XIX, insiste na inexistência de uma esfera de ação feminina relevante na sociedade medieval como um todo. Trótula, cuja fama e obras se expandem por séculos, influenciando e ditando o estudo e práticas médicas em um vasto espaço geográfico, é

⁵ RIVERA GARRETAS, María-Milagros. *La diferencia sexual en la historia*. Valencia: PUV, 2005, p. 93-101.

⁶ HURD-MEAD, Kate Campbell. *A history of women in medicine, from the earliest times to the beginning of the nineteenth century*. New York: AMS-Press, 1977, p. 42.

reavaliada e confinada no escaninho histórico que não reconhece à mulher relevância e autoridade em face do seu papel sexual. Com efeito, a imagem estereotipada da Idade Média não avaliza a existência histórica de uma mulher plenipotenciária como Trótula de Salerno. Como enfatiza Michelle Perrot, “Da História, muitas vezes a mulher é excluída.”⁷

Nos dias atuais, não é raro verificar que o trabalho desenvolvido por Trótula adquire visibilidade em tratados, revistas e compêndios de Medicina.⁸ A literatura médica recepciona seus trabalhos e lhes referencia invariavelmente. Não menos raro é a surpresa das pesquisadoras e pesquisadores ao constatar que seus estudos anteciparam questões sobre vida saudável hodiernamente muito debatidas, como a prevenção de doenças - estabelecendo relações entre a saúde e a adoção de hábitos de higiene, dieta balanceada e atividade física. Além da prevenção, Trótula considerava crucial uma acurada anamnese, a fim de identificar o tratamento adequado. As fontes primárias que referendarão nossa pesquisa consubstanciam-se nos manuscritos de Trótula acessados, editados e traduzidos pela doutora Monica H. Green.⁹

A longa controvérsia seiscentista sobre o sexo de Trótula revela as digitais da misoginia renascentista, conseguindo fazer discípulos ainda nos dias atuais. Atribui-se aos movimentos de historiadoras da medicina, as quais adjetivam de feministas, o resgate da questão em torno da identidade de Trótula.¹⁰ Essa postura reforça a suposição da supremacia e protagonismo exclusivista masculino no contexto histórico. Sob essa ótica, no exercício pleno do seu papel de mulher e médica, dentro de sua esfera de atuação social, cultural e profissional, ela é de fato um personagem histórico que perturba o equilíbrio multissecular da hegemonia masculina.

As reiteradas referências a uma mulher médica de grande sabedoria em medicina, advinda da Escola Salernitana, e a notoriedade adquirida por meio dos ensinamentos amplamente divulgados por meio de tratados cuja autoria lhe é imputada são dados muito fortes e concretos para serem ignorados. Contrariamente, são um conjunto de evidências que reclamam com muita eloquência uma atenção especial.

São diversas variáveis que entram na composição da possibilidade histórica de uma personagem do gabarito de Trótula de Salerno. A hipótese de o medievo forjar uma mulher

⁷ PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 185.

⁸ BIFULCO, Maurizio et al. The first cosmetic treatise of history. A female point of view. *International Journal of Cosmetic Science*, v. 30, p. 79-86, abr.2008. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1468-2494.2007.00414.x/full>>. Acesso em: 22 jun.2016.

⁹ Cf. nota 62.

¹⁰ ROWLAND, Beryl. Exhuming Trotula, *sapiens materna* of Salerno. *Florilegium*, v. 1, p. 42-57, dez.1979.

egressa de uma escola de medicina, mestra, escritora e médica é questão a ser enfrentada. Como as diversas perspectivas historiográficas irão situar a autoria das obras que são imputadas à Trótula é de importância crucial quando avaliadas *pari et passu* com o pensamento vigente a sua época e com as correntes historiográficas sobre o papel da mulher.

Muito pouco se sabe sobre a medicina entre os séculos XI e XII. Muito menos ainda sobre a medicina voltada para as mulheres e sobre a prática da medicina por mulheres. A literatura e documentação disponível é escassa.¹¹ Urge, portanto, explorando o universo de Trótula, analisando a construção discursiva de sua subjetividade e as estratégias utilizadas para se inserir publicamente e de forma renomada, realocá-la em seu contexto sociocultural, para se fazer reemergir tanto sua “escrita de si”¹², quanto a presença da mulher na história da medicina.

A Idade Média aceitou sem obstáculos que Trótula fosse uma médica, mas o Renascimento considerou a hipótese um fato incrivelmente difícil de se acatar, entendimento que perdurou até o século XX. Suscitada a questão por pesquisadoras da história da medicina, Trótula volta a ser uma personagem provável. A historiografia constrói uma literatura pró-Trótula, que não a discrimina, de uma outra historiografia anti-Trótula marcada por argumentos enraizados nas concepções oriundas do século XVI e de forte conotação política.

O compêndio *Trotula* desempenhou importante papel na medicina da mulher. Único em seu tempo, proporcionou o compartilhamento de conhecimentos acerca da fisiologia, anatomia e sexualidade femininas. Muitas questões ainda orbitam em torno da origem e autoria dos seus textos. Acreditamos que as respostas às questões das historiadoras, dos historiadores, das estudiosas e dos estudiosos possam estar inseridas na interface das linhas e entrelinhas de suas próprias páginas, com o contexto da Salerno do século XII. Poderia a Salerno em torno do XII acomodar uma mulher com semelhante perfil?

¹¹ GREEN, Monica H. Women's medical practice and health care in medieval Europe. *Journal of Women in culture and society*. Inverno 1989, v.14, p. 435.

¹² RAGO, Luzia Margareth. *A aventura de contar-se: feminismo, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013, p. 32.

1. Capítulo.

1.1. *Opulenta Salernum*¹³

A própria Roma não é mais luxuosa do que esta cidade; rodeada por navios, árvores, vinho e mar; aqui não falta frutas, nozes ou belos lugares, nem belas mulheres e homens probos. Uma parte se espalha sobre a planície, a outra sobre a colina, e tudo o que você deseja é fornecido pela terra ou pelo mar. (*De rebus gestis*, Roberti Wiscardi)¹⁴

A cidade portuária de Salerno localiza-se na região da Campânia. Banhada pelo Mar Tirreno, abre-se para a baía de Pestum. Em 194 a.C. foi colônia romana sendo sucessivamente ocupada pelos godos, bizantinos e pelos lombardos ao final do século VI. Foi erigida a capital do Principado de Salerno em 847 – estado lombardo do *Mezzogiorno* italiano, área que historicamente compreende o território do antigo Reino das Duas Sicílias (regiões de Abruzzo, Molise, Puglia, Campânia, Basilicata, Calábria, Sicília e parte do Lácio) e fruto da divisão do Principado de Benevento, em 851 d.C. Após a ocupação lombarda, em 1076 foi conquistada pelos normandos. Contudo, durante a maior parte do tempo, o Principado de Salerno foi uma área independente. Sofreu ameaças bizantinas, frequentes incursões dos sarracenos e era alvo da atenção do papado e do Sacro Império Romano-germânico. Aberta às trocas econômicas e culturais com todo o Mediterrâneo - um dos lugares mais vitais do mundo conhecido -, destacava-se, juntamente com Amalfi, como entreposto comercial entre a África, o Médio Oriente e o sul da Europa. À beira de uma vasta rede de comércio internacional, sobressaía-se como vibrante comunidade. O encontro de diferentes culturas levaria a Salerno a ciência médica, resultante da comparação e síntese destas diferentes experiências e tradições.

O sul da Itália já é um espaço etnicamente diversificado quando da chegada dos normandos. Os lombardos se mantêm como população numericamente dominante. Há enclaves de língua grega e grandes cidades, como Nápoles e Amalfi, continuam sob as leis bizantinas ao longo do período. Bizâncio reconquista a Calábria e a *Puglia* no século IX e assim continuará até que os normandos assumam o controle em 1041; o contato com os bizantinos, no entanto, mantêm-se para além da perda do poder político. Salerno ainda comporta a maior comunidade judaica do sul da Itália e, embora não se verifique comunidades muçulmanas na região, o

¹³No século XI os príncipes Gisulfo II(1052-1077) e Roberto il Guiscardo (1077-1085) cunharam as moedas salernitanas com os dizeres: Opulenta Salerno. GREEN, Monica H. *The Trotula: an english translation of the medieval compendium of women's*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2001, p. 4.

¹⁴ William of Apulia. *De rebus gestis, Roberti Wiscardi*. Apud Green, ib., p. 4. (Tradução nossa do inglês).

contato entre os povos é acentuado devido ao intercâmbio comercial com a Sicília e norte da África. Ainda que não se possa falar em uma convivência pacífica, há que se reconhecer que o contato entre cristãos, judeus e muçulmanos propiciaram trocas culturais valiosas que contribuíram para tornar a medicina salernitana única em seu tempo.¹⁵

1.2. *Schola Medica Salernitana*

É nesse território, e envolvida por peculiar contexto cultural, que se destaca a Escola Médica de Salerno – a primeira escola de medicina medieval, a maior fonte de conhecimento médico na Europa de seu tempo. Encontrou seu maior esplendor entre os séculos X e XIII. Desenvolveu-se em um contexto de atividades cosmopolitas e atinge notoriedade por meio da capacidade de seus profissionais. Crescerá até o século XIV, quando começa a perder importância, sendo encerrada por Joaquim Murat em 1811, por ordem de Napoleão.

A Escola de Medicina de Salerno era incomum, em sua cronologia histórica, por seu secularismo - primeiro centro de cultura não controlado pela Igreja, mas igualmente, por sua abertura para o sexo feminino, ao autorizar o ingresso de mulheres na qualidade de alunas ou mestras para a aprendizagem e o ensino médicos. Atribui-se-lhe ter dado à história da medicina uma autoridade na área da ginecologia, cirurgia e obstetrícia - Trótula de Ruggiero ou Trótula de Salerno. A ilustre médica teria vivido entre os séculos XI ou XII e já seria renomada nas crônicas de seu tempo, em virtude de suas habilidades médicas. Trótula era um dos seus membros mais notórios como também o foram Giovanni Plateario, Garioponto, Arciamatteo, Gerardo, Petrus Musandinus e Nicolao.¹⁶

Ao abordar a história das universidades, Charles Homer Haskins enfatiza o aspecto lento e silencioso do processo de evolução dessas instituições, bem como a ausência de registros claros de suas origens, de modo que devemos nos contentar com “afirmações de caráter geral” a princípio.¹⁷ O primeiro estudo mais preciso sobre a história da *Schola Medica Salernitana* veio das mãos do historiador napolitano Salvatore De Renzi, em 1857. Destaca que apenas a tradição nos permite saber que ela já existia no século IX. O historiador acredita que sua fundação deve remontar a tempos mais antigos.¹⁸ Quanto à precisão de sua origem, o autor

¹⁵GREEN, op. cit., p. 6-9.

¹⁶ANGELETTI, Luciana Rita; GAZZANIGA, Valentina. *Storia, filosofia ed etica generale della medicina*. 3a.ed.Torino: Elsevier Masson, 2008, p.64.

¹⁷ HASKINS, Charles Homer. *A ascensão das universidades*. Santa Catarina: Livraria Danúbio, 2015, p.19.

¹⁸DE RENZI, Salvatore. *Storia documentata della Scuola Medica di Salerno*. 2. ed., Milano: [s.n.], 1857, p.109.

admite tecer apenas conjecturas.¹⁹

De Renzi ressalta que seus fundamentos já existissem ao tempo dos romanos e que tenha sido modestamente preservada mesmo com as incursões dos sarracenos, godos, normandos, dentre outros povos. Até a tomada lombarda em 644, Salerno se manteve independente, autorregendo-se pelo modelo administrativo e legal romano. Encontrava-se perto de mosteiros beneditinos, da cidade portuária de Amalfi (grande entreposto comercial com o Oriente), de cidades italianas onde o grego era falado, além de ter sido um centro de tratamento médico para os feridos nas Cruzadas que retornavam do Oriente. Tais circunstâncias somadas, permitem ao historiador napolitano concluir por sua origem autóctone - não importada de outros lugares, portanto, latina e autônoma. Deduz que era indubitavelmente laica no século XI e assim se manteve.²⁰ A natureza monástica ou laica seria, nas palavras de Bertini, um “falso dilema”. Implicaria em reduzir a importância de personagens da montanha do monge e tratadista Alfano e do mestre e médico Garioponto, que no século XI trabalham lado a lado.²¹

Nossa pesquisa conclui que a existência da escola não esteve determinada por decreto de um governante, mas pela reunião voluntária de mestres e pupilos que respectivamente obterão reconhecimento e títulos ou certificações apenas mais tarde. Quanto à participação de clérigos na instituição, retomando os estudos de De Renzi, registra uma mudança efetiva ao final do século XII. Um crescimento substancial do número de leigos praticando a medicina enquanto o número de doutores eclesiásticos diminuiu. Dos trinta doutores citados por De Renzi no século XII, apenas sete eram religiosos. Observa que a medicina como profissão só se verifica com o estabelecimento da *Schola medicorum* ou *Universitas*, agora se identificando como uma verdadeira guilda de doutores com estatuto e hierarquia. Seus professores recebem contraprestação pecuniária para ensinar e praticar a medicina e monges também são pagos para

¹⁹ “que a Escola de Salerno era citada por todos, sem exceção, como um fato incontestado, e como instituição, por assim dizer, sem origem conhecida. A partir das evidências em torno desta antiga escola, detecta-se agora que não houve qualquer pessoa, até o século XII, que tivesse conseguido indicar a data e os autores de sua fundação. Muito tempo depois vieram aqueles que demonstraram sua existência. Isto mostra claramente que nos séculos X, XI e XII não se conhecia a data de sua fundação, mas todos concordavam sobre sua antiguidade. Agora, do exposto nota-se claramente que, embora a origem da Escola Médica de Salerno, deva remontar a tempos muito remotos, faltam documentos para poder afirmar que tenha sido fundada pelos árabes isoladamente ou por um conselho composto por um grego, um latino, um sarraceno e um judeu, ainda que as doutrinas professadas pela escola e os autores citados sejam os antigos gregos e latinos. Também não foi fundada pelos príncipes lombardos que nos dominaram, nem pelos monges beneditinos, que fundaram um antigo Cenóbio próximo a Salerno; mas existia em seu tempo e antes deles. Por isso não se pode acolher uma opinião mais razoável do que aquela de se acreditar ser a escola remanescente das antigas instituições latinas, que por felizes circunstâncias contribuíram em seu tempo a preservar Salerno da barbárie, elas foram capazes de se conservar no tempo, sendo que em qualquer outra parte teria sido extinta.” *Ib.*, p. 141. (Tradução nossa).

²⁰ DE RENZI, *op. cit.*, p. 146-147.

²¹ BERTINI, *op. cit.*, p. 98-99.

ensinar na universidade.²²

Muitos contemporâneos citaram a Escola Médica de Salerno. Orderic Vitalis a chama de “antiga escola”, bem como há várias referências nas obras de Garioponto, de Cofone e dos mestres Plateários²³. Pessoas de todo o mundo lá aportavam, seja porque doentes, com a esperança de cura, seja porque estudantes ávidos por aprender a ciência da medicina. No século X, os médicos salernitanos já eram reconhecidos e solicitados, como informam as histórias de Richer de Reims.²⁴ As crônicas de Hugo de Flavigny inclui a vinda de Adalbéron de Laon à procura de tratamento médico em Salerno, em 984.²⁵

O grande salto de qualidade vem no século XI através do impulso dado por Garioponto (mestre na Escola Médica Salernitana de 1020 a 1050) que organiza os textos médicos que circulavam no sul da Itália, conformando o tratado *Passionarius*; por Alfano I (1015-1085), arcebispo da cidade de Salerno, com importante papel no aporte teórico à medicina local e Constantino, o Africano (1020-1087), responsável pelas traduções de textos médicos do árabe para o latim. Costantino confere à cidade o título de *Civitas Hippocratica*.²⁶

Até o século XII, a *Schola* se apresenta como uma comunidade informal de mestres e alunos que desenvolvem métodos de instrução e investigação. O número de clérigos na qualidade de mestres, evidenciado no curso do século XI, demonstra que a Escola tinha dentre seus membros pessoas capacitadas a fazer uso de um rico e variado conjunto de textos médicos que circulavam pelo sul italiano.²⁷ Entrementes, não há evidências de que se constitua física e legalmente como instituição antes do século XII, como acrescenta Green.²⁸ Entre Roma e Salerno, foi fundado o Monastério de Montecassino, no século VI, importante centro de cultura em geral e de medicina em especial. Atinge seu auge no século XI, quando conta com mais de duzentos monges, uma biblioteca com grande número de manuscritos e uma escola de copistas famosa em toda Europa Ocidental. A contribuição do monastério para a medicina de Salerno abrange tanto o acesso aos manuscritos médicos quanto à disponibilidade de monges que serão

²²CAPPARONI, Pietro. “*Magistri Salernitani Nondum Cogniti*”. London: John Bales, Sons and Danielson, Ltd., 1923, p. 17.

²³DE RENZI, op. cit., p.143.

²⁴Richer de Reims. *Histoire de France*. Apud Bertini, op. cit., 98.

²⁵Hugo de Flavigny. *Chronicon Hugonis Monachi Viridunensis et Divionensis Abbatis Flaviniacensis*. Apud Bertini, ib., p. 98.

²⁶Informação fornecida pela historiadora Amalia Galdi, da Università Degli Studi di Salerno, no lançamento do livro “Io, Trotula, storia di una leggendaria scienziata medievale”, Salerno, abril de 2014.

²⁷BASCHET, Jérôme. *A civilização feudal: do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Editora Globo, 2009, p. 75.

²⁸GREEN, op. cit., p. 9-10.

professores na Escola Médica.²⁹ Em torno do século IX, Capparoni assinala o estabelecimento de pequenos hospitais e enfermarias por parte da ordem beneditina e, no século X, a construção de uma enfermaria em uma igreja de Salerno.³⁰

Da escola médica de Salerno restam populares obras de anatomia, aplicação do pensamento investigativo e dedutivo na medicina e fitoterapia. Insere-se na longa tradição médica da escola, estudos e práticas no campo de cirurgias e a produção de manuais que serão observados na Europa Ocidental até a Idade Moderna. Na Escola também se ensinava, literatura, teologia e direito, o que se lhe pode considerar, praticamente, como a primeira universidade que se fundou na Europa.

A privilegiada localização geográfica da cidade de Salerno, aliada à intensa atividade comercial em sua costa marítima, propiciara a reunião de literatura e textos médicos greco-latinos. A tradição de Hipócrates, Galeno e Dioscórides foi enriquecida com a prática médica árabe e judaica. Local de encontro de culturas, onde a síntese e comparação de experiências resultaram no fermento de uma escola inovadora em termos de métodos e profilaxia. A abordagem baseava-se principalmente na prática e experiência, abrindo assim o caminho para o método empírico e uma cultura de prevenção.³¹

1.3. *O conhecimento médico aporta em Salerno*

A Escola Médica de Salerno englobava o melhor da tradição da medicina latina, grega, árabe e hebraica, bem como textos alimentados nas fontes da medicina árabe e bizantina. Com efeito, a civilização bizantina (do século IV ao XV) e a civilização árabe (do século VII ao XVIII) revelam-se florescentes no campo da medicina e permitirão que o Ocidente reencontre a herança greco-romana.

A medicina bizantina se notabilizou pela preservação de todo o conhecimento adquirido durante a época greco-romana e influenciou a medicina islâmica. Oribásio de Pérgamo, médico grego que viveu no século IV, reúne e organiza o saber de Hipócrates e de Galeno nos setenta tomos da Coletânea das Artes Médicas - referencial médico durante séculos. Em Bizâncio, prospera instituições voltadas exclusivamente à prática da medicina e atendimento aos doentes, impulsionadas por igrejas ou pelo Estado e muito semelhantes aos

²⁹PRIORESCHI, Plínio. *A history of medicine*. Omaha: Horatius Press, 2003, v. 5, p. 188.

³⁰CAPPARONI, op. cit., p. 11.

³¹GREEN, op. cit., p. 11.

hospitais modernos.³² Administravam-lhes tratamento com fito à cura de suas enfermidades e não lenimentos para uma morte tranquila, como comumente na medicina monástica. Os médicos bizantinos registravam e categorizavam os procedimentos e informações em manuais, especificando diagnósticos e ilustrando as técnicas empregadas. Outro exemplo de contribuição nessa seara, o *Compêndio Médico em Sete Livros*, de Paulo de Égina, escrito em finais do século VII, fonte informativa nos séculos seguintes. Os primeiros médicos bizantinos, como Dioscórides, bebem nas fontes da Antiguidade como Galeno e Hipócrates, contudo alargam significativamente esse conhecimento. Em suma, a medicina bizantina é extremamente importante, tanto em termos de novas descobertas, como na preservação do conhecimento greco-romano, por meio de compêndios, na revisão e disseminação desse conhecimento.

A cultura árabe igualmente foi imprescindível para a medicina ocidental. Com advento do islamismo (século VII), os árabes se expandem geograficamente entrando em contato com várias culturas, passando a conhecer os escritos antigos e traduzi-los para o árabe. Inicia-se um grande processo de intercâmbios culturais. O povo árabe se notabilizará como propagadores e catalisadores das transformações científicas que se seguiram.³³ Não recebem a tradição galênica de forma passiva, mas a modificam enriquecendo-a com seus avanços em química, farmácia, botânica e administração de hospitais. Entre os manuscritos traduzidos para o árabe, estavam textos desaparecidos de Ptolomeu, Euclides, Galeno e tantos outros provenientes das ciências antigas. A nova medicina árabe se infiltra na Europa no século XI, impactando os conhecimentos médicos.³⁴

Ainda que os discípulos de Maomé tenham perseguido certos médicos considerados hereges, é bem verdade que a medicina vai se desenvolver em um contexto liberal e laico, sem a oposição religião e interesse científico. São nas traduções minuciosas dos textos de Hipócrates, de Galeno e dos bizantinos que reside o grande mérito dos árabes. Aspectos da medicina egípcia, persa e ibérica serão assimiladas. Teremos centros de tradução em Damasco e Bagdá, onde trabalham incessantemente. Dall'Ava-Santucci dirá que já nos 900 todo o legado antigo e contemporâneo estaria já disponível em árabe, para a estudiosa, a língua científica a partir daí. Assim, proceder-se-á ao retorno do patrimônio greco-romano para o Ocidente pelo

³²DALL'AVA-SANTUCCI, Josette. *Mulheres e médicas, as pioneiras da medicina*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 42.

³³SAMAILI, Soraya. *Os árabes e suas contribuições para a ciência e medicina*. Instituto da Cultura Árabe, 23.10.2009. Disponível em: <<http://www.icarabe.org/artigos/os-arabes-e-suas-contribicoes-para-a-ciencia-e-medicina>> Acesso em: 27 abr. 2016.

³⁴GREEN, op. cit., p. 2-3.

viés das traduções do árabe para o latim. Deste modo, textos médicos dos antigos cientistas gregos novamente se tornam acessíveis a estudiosas e estudiosos ocidentais.

Antes do século XII, o contato entre o Islã e a Europa Cristã se deu, ao menos por três vias. O mais acentuado ocorrerá na Península Ibérica, controlada longamente pelos muçulmanos, conjuntura da qual derivará as célebres traduções toledanas.³⁵ O contato também se efetivará através das Cruzadas e outras guerras - circunstâncias que não favorecerão grande transmissão de conhecimentos. A partir do ano 1000 as trocas culturais se tornam mais fáceis. Sob o domínio islâmico de 827 a 1091, quando é conquistada pelos normandos, a Sicília se torna um centro de difusão do conhecimento árabe.

Os textos da Antiguidade aportarão em Salerno. A contribuição da Idade Média, no particular, será, ao fim e ao cabo, tornar essas parcelas do saber médico antigo inteligíveis e ordená-los. As traduções de textos árabes e gregos para o latim não se dão sem dificuldades. Ao estudarem o desenvolvimento do saber médico na Idade Média, Jacquart e Thomasset destacam dentre elas a ausência de um instrumental linguístico em latim para seu correspondente em árabe. Não obstante, ressaltam o impulso decisivo para o desenvolvimento científico, no campo da anatomia, as contribuições advindas das traduções realizadas por Alfano I e, por Constantino, o Africano. Ao primeiro se credita a tradução de *De natura hominis*, do século IV. Ao segundo, a versão latina de *Pantegni*³⁶, *Viaticum*³⁷, *De coitu* e *De spermate*, todas no século XI.³⁸ Esses saberes teóricos serão orientadores dos estudos médicos salernitanos que serão reduzidos a termo por seus próprios mestres e pupilos. Assim, dentre os textos médicos salernitanos, elencamos: *Circa instans* (catálogo sobre ervas medicinais, minerais e outros produtos naturais), *Antidotarium Nicholai* (coleção de medicações) e *Practicae* (enciclopédia médica escrita pelos médicos salernitanos do século XII).³⁹

Jerôme Baschet avalia que a Idade Média seja “um grande rosário de “renascimentos”, que se manifesta desde o século VIII. ⁴⁰Certamente podemos situar este momento que vive a cidade de Salerno, como uma das contas deste rosário.

No Ocidente medieval, antes da fundação das universidades, o saber médico estava em

³⁵ PRIORESCHI, op. cit., p. 47.

³⁶ Aborda temas genéricos da medicina.

³⁷ Provê em cinco volumes, a básica investigação em etiologia (ramo do conhecimento cujo objeto é a pesquisa e a determinação das causas e origens de um determinado fenômeno e terapêutica.

³⁸ JACQUART, Danielle; THOMASSET, Claude. *Sexualidad y saber médico en la Edad Media*. Barcelona: Labor Universitaria Monografías, 1989, p. 13.

³⁹ GREEN, op. cit., p.12.

⁴⁰ BASCHET, op. cit., p. 69.

mãos da Igreja. Os mosteiros detinham a custódia dos estudos clássicos. O exercício da medicina era uma arte e estudo confinado aos homens. O ideal hipocrático de se estudar os doentes não sensibiliza o mundo cristão da alta Idade Média, cujo acento se fulcra na salvação da alma, para qual a morte é a única via. Não obstante a reputação dos monges como copistas dos textos greco-romanos, que geralmente tratavam de medicina, temos aqui uma passividade diante desse legado. Os monges transcrevem os escritos antigos, mas não utilizam esse conhecimento pragmaticamente. A reflexão dos monges sobre tais textos, evidencia-se apenas no século XI. De qualquer sorte, a supremacia médica na Idade Média se encerra no espaço conventual, ainda que em 1130, o Concílio de Clermont proíba os monges de exercer a medicina, “por razões de ordem moral e disciplinar”.⁴¹

É todo esse conjunto de heranças e influências culturais que avalizará a lenda em torno da fundação da *Schola Medica Salernitana*, segundo a qual resultaria do encontro ocasional entre quatro mestres: Helinus, o judeu; Pontus, o grego; Adela, o árabe e Salernus, o latino. Estes, em suas línguas respectivas, ensinavam a ciência médica aos seus alunos. Com efeito, a tradição cultural greco-latina caminhando ao lado da cultura árabe e judaica é o traço distintivo fundamental dessa instituição. Essa nova orientação modifica a atividade médica de toda a Europa. Por volta de 1100, a medicina escolástica substitui em grande parte a medicina monástica, o ensino se espalha para fora dos mosteiros, seguindo o exemplo de Salerno. É o despertar do século XII e o nascimento das universidades. Veremos então a abertura de outras escolas de medicina, como a de Montpellier (1220), que rivalizará com Salerno, e Paris (1253).

1.4. *Magistra mulier sapiens*

Em primeiro lugar vos digo que, uma mulher filósofa chamada Trótula e que viveu há muito tempo, foi muito bela na juventude e da qual médicos experientes lhe atribuem grande autoridade e extraem úteis ensinamentos, revela uma parte da natureza da mulher. Uma parte revelada por si mesma e a outra porque, em sendo mulher, todas as mulheres se abriam mais facilmente a ela, que a um homem, seus pensamentos secretos e revelavam a sua natureza. (“*Les Secrez aux philosophes*”, atribuído à Jean Bonnet).⁴²

No século IX, estimulado pelo filósofo Alcuíno de York (735-804), Carlos Magno (742-814) promove uma reforma escolástica que consentirá, inclusive para mulheres, sobretudo

⁴¹ CATANANTI, Cesare. *Medicina, valori e interessi (dichiarati e nascoti)*. Milano: Vita & Pensiero, 2002. p.34.

⁴² Diálogos entre Plácido e o príncipe Timeu é uma enciclopédia, em prosa, de meados do século XIII. Sob a forma de um diálogo entre o filósofo Plácido e seu pupilo, o príncipe Timeu, aborda uma sucessão de assuntos, como metafísica, reprodução humana, segredos da mulher, medicina, dentre outros. BERTINI, op. cit., p.110. (Tradução nossa do italiano).

de famílias nobres, o acesso à cultura.⁴³ Naturalmente, a vida monástica continuará sendo o espaço que lhes possibilitarão receber uma educação e alcançar independência.

O historiador italiano Ferruccio Bertini realça que diante de uma realidade cultural tão vivaz e diferenciada de outros lugares do medievo, encontra-se perfeitamente em Salerno a presença ativa de mulheres em práticas atinentes ao campo da medicina.⁴⁴

Há fortes evidências de que as mulheres praticaram a medicina, nos séculos XI e XII, em Salerno. O monge anglo-normando Orderic Vitalis (1075-1142), em sua obra *Historia Ecclesiastica*, traz o depoimento do nobre normando, estudioso de medicina, Rodolfo Mala Corona, que em visita a Salerno, em 1059, afirma “[...] não encontrou ninguém que fosse capaz de enfrentá-lo na ciência médica, fora uma nobre mulher muito culta.”⁴⁵ Assume-se ter feito referência à Trótula.⁴⁶ Monica Green admite que Marie de France (1160-1215) tenha escrito história semelhante e que há evidências locais de que havia mulheres às quais se creditavam habilidades médicas, consoante consta da relação necrológica da Catedral de Salerno. A historiadora ainda aponta os escritos produzidos por homens médicos que estudaram ou ensinaram em Salerno, que se referem com frequência às práticas médicas das mulheres salernitanas.⁴⁷ Pedro Hispano, tornado Papa João XXI, menciona Trótula cinco vezes ao fornecer receitas medicamentosas, na seção de ginecologia e obstetrícia, no tratado *Thesaurus Pauperum* (1276).⁴⁸

Em 1837, em Wroclaw (Polônia), é descoberto um manuscrito, de finais do século XII ou início do XIII, que condensava escritos de vários autores para uso escolástico. Essa compilação intitulada *De aegritudinum curatione* (Do tratamento das doenças) se dividia em duas partes. A segunda parte, mais longa e complexa, propunha tratamento para específicas enfermidades, ali ordenadas segundo orientação de Galeno. Como alude Bertini, este segmento do manuscrito reportava a opinião de sete expoentes célebres da Escola Médica de Salerno: Giovanni Plateario, Cofone, Petronio, Afflacio, Bartolomeo, Ferrario e **Trótula**.⁴⁹

⁴³ BERTINI, op. cit., p.14.

⁴⁴ Ib., p.99.

⁴⁵ Orderic Vital. *Dalla Storia Ecclesiastica*. Apud Bertini, ib., p.98.

⁴⁶ ZIMMERLI apud RINCK, Christine Dombourian. *Trotula and Hildegard: reflections of female medieval medicine*. 2007. 208 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Artes e Ciências. Universidade de Missouri, Kansas City, p. 8.

⁴⁷ GREEN, op. cit., p. 48.

⁴⁸ Pedro Hispano. *Thesaurus pauperum sive Speculum puerorum*. Biblioteca Nacional de Portugal. Disponível em: <http://purl.pt/22005/4/inc-1425_PDF/inc-1425_PDF_24-C-R0150/inc-1425_0000_1-88_t24-C-R0150.pdf> Acesso em: 16 out 2016.

⁴⁹ BERTINI, op. cit. p.106, grifo nosso.

A Escola Médica de Salerno permitiu às mulheres o acesso ao *curriculum studiorum*, permitindo-lhas ascender tanto à cátedra quanto ao exercício da profissão médica. Propiciava às mulheres a arte da medicina para além das tarefas de parturientes, tendência posterior quanto ao espaço de atuação feminina na medicina. Muitas foram as mulheres que trouxeram fama à Escola sendo referendadas como *mulieres Salernitanae*. Nos arquivos napolitanos, De Renzi identificou cirurgiãs, como Thomasia Mattheo⁵⁰ e Francesca de Romana⁵¹, no século XIV; identificou Costanza Calenda, “dottorata in medicina”, no século XV e citou as reputadas médicas e tratadistas, Abella di Castellomata, Mercuriade e Rebecca Guarna.⁵² ⁵³ Bernard de Provence, em obra datada do começo do século XII – *Commentarium super tabulas Salerni*, também trata das notáveis mulheres salernitanas, que preparavam cosméticos destinados às nobres.⁵⁴ Essas mulheres, nominadas ou não, terão suas práticas médicas frequentemente referenciadas nas obras de médicos homens que estudaram ou ensinaram em Salerno, entre o século XIII e o XV.

A mais famosa expoente da Escola, a mais célebre dentre as *mulieres Salernitanae* é, indubitavelmente, Trótula. De Renzi sugere a hipótese de Trótula ter nascido em Salerno e pertencido à nobre família Ruggiero. Uma antiga tradição dita que foi casada com o médico Giovanni Plateario *Il vecchio*, com quem teve dois filhos – Giovanni *Il giovane* e Matteo, todos mestres da escola e precisamente conhecidos como *Magistri Platearii* (mestres plateários). Atribui-lhe ter auferido o título de *Magistra Medicinae* e, juntamente com seu marido, a autoria de *Practica brevis*.⁵⁵ Na Baixa Idade Média, o mais popular tratado em doenças, problemas médicos e cosméticos da mulher era atribuído à Trótula. Em sua composição, comumente constavam duas obras distintas denominadas *Trotula major* e *Trotula minor*. A primeira comportava o tratado *De passionibus mulierum curandarum ante, in et post partum* que versa sobre as doenças da mulher. O segundo, formado pela reunião de dois outros tratados: *De curis mulierum*, sobre amplas preocupações de ordem médica e *De ornatu mulierum*, abordando questões cosméticas.

Séculos antes da obra de De Renzi, foi referenciada como a sapientíssima dama de

⁵⁰DE RENZI, op. cit., p.560.

⁵¹ Ib., p. 531.

⁵² Ib., p. 569.

⁵³Bertini alude aos tratados de Abella, “Sulla bile nera e Sulla natura del seme umano”; às obras “Sulle febbri, Sulle orine e Sull’embrione”, de Rebecca Guarna; a Mercuriade, a qual se atribuem “Sulle crisi, Sulla peste, Sulla cura dele ferite e Sugli unguenti”, dentre outras. BERTINI, op. cit., p.99.

⁵⁴Bernard de Provence. *Commentarium super tabulas Salerni*. Apud Green, op. cit., p. 48.

⁵⁵DE RENZI, op. cit., p. 240-244.

Salerno. Efetivamente sua reputação existe e se espraia para além da península itálica. Uma balada do trovador parisiense Rutebeuf (1215-1280) a apresenta como a mais sábia mulher do seu tempo:⁵⁶

Minha gente, não sou um desses pobres pregadores ou um desses pobres herboristas que vão por diante dos mosteiros com suas pobres capas mal costuradas, que carregam caixas e sacos e estendem um tapete. Saibam que eu não sou um desses, mas eu estou a serviço de uma senhora cujo nome é Trotte de Salerno [...]e saibam que esta é a mulher mais sábia que existe nos quatro cantos do mundo.⁵⁷

Em *The Canterbury Tales*, importante obra da literatura medieval, Geoffrey Chaucer (1343-1400) em dado momento se reporta explicitamente à Trótula – “Dame Trot”, cujos tratados lhe eram amplamente disponíveis.⁵⁸ Diversos manuscritos estavam conservados na Biblioteca de Cambridge. Ainda, o poema francês *Roman de La Rose* (1275-1280) traz em seu bojo um *De ornatu mulierum* captado nos conselhos de uma senhora a uma jovem.⁵⁹

As menções à Trótula comprovam que sua reputação se difundia na literatura vulgar e não apenas na literatura médica, para a qual se utilizava o latim, língua científica por excelência naquele momento. Entre o século XIV e XV, a obra *Poema medicum* traz versões em versos de dois tratados de Trótula. E o principal trabalho sobre ginecologia, agora sob o nome de *De secretis mulierum*, é reelaborado abandonando parte dos aspectos ligados à saúde e com maior teor sexual. Circulará em traduções livres em irlandês, francês, alemão, inglês, flamengo e catalão, no início do século XIV.⁶⁰

A notoriedade das práticas médicas de Trótula transpõe fronteiras já em sua época. John F. Benton confirma que seus textos já eram extremamente populares no século XIII. Os manuscritos a ela atribuídos, isoladamente ou em conjunto, circularam amplamente em toda a Europa Ocidental na Idade Média, da Espanha à Polônia, e Sicília à Irlanda, o que demonstra sua importância histórica.⁶¹

Representações iconográficas de Trótula de Salerno parecem não ser incomuns.

⁵⁶Rutebeuf. *Le dit de l'herberie*. Apud Rowland, op. cit., p. 49.

⁵⁷ Tradução nossa.

⁵⁸ BERTINI, op. cit., p. 105.

⁵⁹ JACQUART, op. cit., p. 112.

⁶⁰ BERTINI, op. cit., p. 106.

⁶¹ BENTON, John. F. Trotula, women's problems and the professionalization of medicine in the middle ages. *Bulletin of the history of medicine*. Pasadena, n. 59, p. 38, nov.1984.



Fig. 1 - Uma das imagens mais antigas que temos notícia consta do manuscrito *Liber Trotile*, encontrado no início do século XIV, que integra a *Miscellanea medica XVIII* – coletânea de tratados - da Wellcome Library, em Londres. O copista acrescenta a imagem, que seria de Trótula, erguendo um frasco de urina, em forma de esfera.



Fig. 2 – Imagem de Trótula incluída da Enciclopédia *L'Image du Monde*, de Gautier de Metz, 1303-1304. A legenda traduz a imagem: “Como a mulher ensina ao clérigo os segredos da natureza.” Rennes, Bibliothèque municipale, MS 593, folio 531v - 532r. Bibliothèque virtuelle des manuscrits médiévaux.

1.5. Dos tratados: *De passionibus mulierum curandarum ante, in et post partum, De curis mulierum e De ornatu mulierum*⁶²

Em *De Passionibus mulierum curandarum*, variados aspectos da vida das mulheres são cuidadosamente levados em consideração: ciclo menstrual, maternidade, parto, riscos e complicações relacionadas ao parto, criação dos filhos, doenças do útero e até histeria. O corpo feminino é analisado em sua totalidade e complexidade. Não se afigura como mero manual de

⁶² Em 1985, John Benton realiza um estudo sobre os vários manuscritos atribuídos à Trótula. Por sua sugestão, Monica H. Green, doutora em ginecologia na Antiguidade e na Alta Idade Média, propõe-se a editar e traduzir esse conjunto de manuscritos, reorganizando-os sistematicamente. Assim, se produz a primeira tradução em inglês baseada nos manuscritos em latim que circulavam no século XIII, ou seja, nos primeiros estágios de transmissão. Seleciona vinte e nove conjuntos do compêndio, dentre os quais utilizará nove na reconstrução do texto.

apoio, mas de verdadeiro tratado sistemático de ginecologia, obstetrícia e assistência à infância. Juntamente com *De curis mulierum*, por cerca de cinco séculos será o livro de texto de referência para médicos e leigos.

A presente obra médica de Trótula demonstra uma preparação teórica robusta. Em Hipócrates (460-377 a.C.), Galeno (129-200), Dioscórides (40 – 90) e Oribásio (325-403), embasa seu conhecimento científico que caminha lado a lado com os exemplos práticos que tece.⁶³ Peculiar em seus escritos é a percepção fina das especificidades do sexo feminino, envolvendo necessidades e tratamentos diferenciados dos aplicados aos homens. Estudiosas e estudiosos contemporâneos da área médica reconhecem, ao lado dos estudos práticos e teóricos de ginecologia e obstetrícia, uma sensibilidade na execução de seu trabalho que também se estendia ao campo da pediatria.⁶⁴ Seguem-se orientações que vão desde o corte do cordão umbilical a noções de puericultura. Os aconselhamentos relativos à escolha da cuidadora do recém-nascido são altamente reveladores da sensibilidade maternal.

O interessante prólogo invoca o objeto central da obra – a preocupação de que as mulheres, constrangidas em serem tratadas por um homem, não busquem ajuda médica. A condição da mulher exige discrição e delicadeza:

Portanto, como as mulheres são, por natureza, mais frágeis do que os homens, são também mais freqüentemente atingidas no parto, muitas doenças sempre lhes sobrevêm, especialmente em torno dos órgãos dedicados ao trabalho da natureza. Além disso, as mulheres, por causa da sua fragilidade, por vergonha e embaraço, não ousam a revelar a sua angústia sobre as suas doenças (que acontecem num lugar tão privado) a um médico. Portanto, a sua desgraça, que deveria ser lamentada - e especialmente a influência de uma certa mulher que tocou meu coração - me levaram a dar uma explicação clara sobre suas doenças ao cuidar de sua saúde. E assim, com a ajuda de Deus, tenho trabalhado assiduamente para reunir em trechos as partes mais valiosas dos livros de Hipócrates e Galeno, para que eu possa explicar e discutir as causas de suas doenças, seus sintomas e suas curas.⁶⁵

Era mais adequado a uma mulher receber um atendimento às suas queixas por uma outra mulher a ser tratada por um homem médico, acrescentando-se que muitos médicos detinham parcos conhecimentos de ginecologia e obstetrícia. O prefácio traduz sua percepção aguda sobre o alcance do pudor e da vergonha da mulher, em seu tempo, circunstância que

⁶³À guisa de exemplo: Hipócrates, f. 2º, e f. 88; Galeno, f. 9º e f. 67; Dioscórides, f. 57 e Oribásio, f. 50. *De passionibus mulierum*. In: Green, op. cit., p. 65-87.

⁶⁴BIFULCO, Maurizio et al. A focus on Trotula de Ruggiero: a pioneer in women's and children's health in history of medicine. *The journal of Maternal-Fetal & Neonatal Medicine*, v. 27, n. 2, 2014. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23662591>>. Acesso em 30 jul. 2016.

⁶⁵*De passionibus mulierum curandarum*, f. 2. In: Green, op. cit., p.65. (Tradução nossa do inglês).

indica que sua escrita se faz sob o ponto de vista do feminino. Em recente ensaio, Mary C. Flannery aduz que, para além das obras cavalheirescas e religiosas sobre a “vergonha imaginada”, há textos literários sobre conduta e aconselhamento médico que abordam esse sentimento de forma realista. Cita o *De passionibus* como exemplo de preocupação com a realidade aflitiva das mulheres.⁶⁶

Em 1322, acusada pelo *Rector* da Universidade de Paris da prática ilegal da medicina às mulheres, em Paris, a italiana Jacoba Félice de Almânia⁶⁷ defende-se ao argumento de que uma mulher está mais apta a entender a doença de sua semelhante do que um homem seria:

Era mais adequado que uma mulher sábia e experiente na arte de medicina visitasse outra mulher, para a examinar e investigar os segredos escondidos do seu ser, do que um homem deve fazê-lo. Para o homem não é permitido fazer estas coisas, nem investigar ou sentir as mãos da mulher, suas mamas, estômago, pés, por exemplo. Pelo contrário, um homem deve evitar os segredos das mulheres e ficar distante de sua intimidade o mais que puder. Também uma mulher deve preferir morrer a revelar os segredos de sua enfermidade a um homem, por conta da virtude do sexo feminino e devido à vergonha que ela teria de suportar revelando-os.⁶⁸

De passionibus mulierum curandarum toma por base a teoria hipocrática dos quatro humores. Segundo a sistematização de Galeno, no corpo humano circulariam quatro humores: o sangue, quente e úmido como o ar; a fleuma, fria e úmida como água; a bile amarela, quente e seca como fogo e a bile negra, fria e seca como a terra.⁶⁹ Reserva significativo espaço às questões atinentes à menstruação, que operaria uma espécie de regulação do temperamento feminino, portanto, seria necessário e saudável. Enquanto nos homens o calor se purga pelo suor, nas mulheres a umidade se purga mediante esse processo.⁷⁰

[...] a Natureza estabeleceu uma certa purgação para as mulheres, qual seja, as menstruações, para regular sua escassez de calor. As pessoas comumente as chamam de flores pois, da mesma maneira que as árvores não produzem frutos sem flores, assim também as mulheres sem flores se veem privadas de sua função de conceber.

⁶⁶FLANERY, Mary C. The concept of shame in late-medieval english literature. *Literature Compass*, v.9, n. 2, p.176, feb.2012.

⁶⁷J. Félice não foi acusada de incompetência na prática médica, mas, sendo mulher, ter-se atrevido a curar a todos. Depoimentos processuais registrados no *Chartularium universitatis Parisiensis*, II, 255-67. Disponível em: <<https://archive.org/details/chartulariumuniv02univuoft>>. Acesso em: 20 ago.2016.

⁶⁸Tradução nossa do inglês.

⁶⁹BERTINI, op. cit., p.102.

⁷⁰*De passionibus mulierum curandarum*, f. 3. In: Green, op. cit., p. 66. (Tradução nossa do inglês).

A metáfora vegetal, das mulheres com “as flores”, reflete uma popular denominação para menstruação, termo comum na maior parte da Europa Ocidental, na Idade Média.⁷¹

Seguindo preceitos da *Schola Medica Salernitana*, sua atuação se baseia na experiência, na construção de um diagnóstico verdadeiro fundado no exame acurado dos sintomas verificados por meio do contato direto com os enfermos.⁷²

A preocupação com o bem-estar feminino é fulcral em sua obra. Acreditava firmemente na desnecessidade de sofrimento por parte da mulher durante o nascimento do filho. Propunha um parto sem dor, para o qual advogava que fosse ministrado à parturiente, vinagres, absinto e vinhos, além de outros analgésicos naturais.⁷³ Sensível ainda às dores crônicas advindas de um parto difícil, propõe o emprego analgésico de opiáceos naturais - “Se após o parto, houver dores no útero, tomar um cálice de estoraque, com olíbano e suco de ópio de papoula [...] Isto ajuda fortemente.”⁷⁴ Tais procedimentos vão de encontro aos preceitos da Igreja que propugnam que uma mulher deva sofrer as dores do parto, em virtude do pecado original.

Exatamente quando pontífices introduzem na história da sexualidade medieval a proibição de métodos contraceptivos, seguindo orientação de Santo Agostinho, Trótula amplamente orientava as mulheres sobre práticas para impedir a inseminação no ato sexual. Isto demonstra que as reflexões e técnicas referentes à vida sexual se desenvolvem à sombra de um discurso que tende a reprimi-las. Orienta as mulheres a evitar a fecundação devido à estreiteza de seus órgãos ou por medo que se repita a experiência de um parto anterior doloroso.⁷⁵ Ela sugere a contracepção sob a justa alegação de garantir a saúde feminina.

Buleversando o entendimento medieval de que a infertilidade era sempre “culpa” da mulher, afirmava que os impedimentos à concepção poderiam provir de problemas de disfunção fisiológica de ambos, mulher e homem, como relata: “A concepção é impedida tanto pela culpa do homem como por culpa da mulher.” Informa que a esterilidade masculina pode se dar devido a um defeito na “semente” e em sua “entrega”, quando o homem emitirá pouco ou nenhum sêmem. Acrescenta um terceiro motivo: “Se isso é devido a um problema do espírito, ele não terá desejo e não será capaz de ter ereção.” Suscita, pois, razão de ordem

⁷¹ GREEN, op. cit., p. 21.

⁷² *Ib.*, p. 11-12.

⁷³ *Ib.*, p. 79-81.

⁷⁴ *De passionibus mulierum curandarum*, f. 112. In: Green, *ib.*, p. 81. (Tradução nossa do inglês).

⁷⁵ *De passionibus mulierum curandarum*, f. 83-87. In: Green, *ib.*, p. 78.

psicológica a influenciar o funcionamento orgânico.⁷⁶No século XII, a impotência foi reconhecida como impedimento dirimente do casamento.⁷⁷ Tal circunstância pode ter influenciado os esclarecimentos de Trótula, tanto no que se refere à procriação (preocupação central no medievo), quanto ao reconhecimento de que a sexualidade feminina dependia do instituto do casamento.

Muitas pesquisadoras e pesquisadores argumentam que suas orientações atinentes ao parto são muito modestas, limitando-se a observar que, se a criança se encontra em posição anômala, a parteira deve girá-la. E esta omissão de detalhes só se justificaria se se tratasse de uma autoria masculina. Para Bertini, essa não seria a evidência de que o autor é um homem. Na verdade, configurar-se-ia uma comprovação de que Trótula não era uma simples parteira, como sustentado por algumas estudiosas e estudiosos. E acrescenta: os capítulos reservados à gravidez, ao parto e aos cuidados com o recém-nascido revelam, pela delicadeza e profundidade, a experiência de uma mulher detentora de uma cultura médica superior.⁷⁸ Destaca a clara posição de subordinação da parteira às orientações emanadas por Trótula.⁷⁹

De curis mulierum traz seções voltadas ao tratamento ginecológico, andrológico, pediátrico, cosmético, dentre outras áreas médicas. Apresenta uma organização textual menos estruturada que o primeiro tratado. Contém inúmeros e consistentes princípios da fisiologia da mulher e doenças que fundamentam o tratamento correspondente, embora não apresente muito interesse em teoria da medicina e evite termos e explicações padronizadas à época. Alguns assuntos aqui tratados também constam no tratado *De passionibus*. *De curis mulierum* tem foco principal na fertilidade feminina, trazendo variadas prescrições que propugnam pelo auxílio à concepção, sem menção a meios contraceptivos. Segundo Green, é evidente no tratado uma maior sensibilidade para as formas pelas quais a mulher na cultura patriarcal do sul da Itália, na Idade Média, pode ter experimentado os fatos biológicos da sua existência. O que se infere do texto relativamente à sexualidade.⁸⁰

Sensível à condição de determinadas mulheres, trata dos efeitos da abstinência sexual, que pode lhes trazer transtornos psicológicos:

Há algumas mulheres às quais a relação carnal não é permitida, às vezes porque estão ligadas por um voto ou pela religião, às vezes porque são viúvas

⁷⁶ *De passionibus mulierum curandarum*, f. 129 e 131. In: Green, ib., p. 85-87. (Tradução nossa do inglês).

⁷⁷ BOLOGNE, Jean-Claude. *História do pudor*. Rio de Janeiro: Elfos Editora, 1990, p. 114.

⁷⁸ BERTINI, op. cit., p.114.

⁷⁹ *De passionibus mulierum curandarum*, f. 126 e 127. In: Green, ib., p. 84-85.

⁸⁰ *Ib.*, p. 37-40.

[...] Essas mulheres, quando têm desejo de ter relações sexuais, e não o fazem, incorrem em doença.⁸¹

Prescreve em seguida um preparo para aplicação na vulva. Fica implícito um dos princípios que permeiam o *De curis mulierum*: a regular atividade (hetero) sexual é necessária para a saúde da mulher. Nesta obra, a sexualidade tem importância fulcral na vida da mulher.

Atento às necessidades pragmáticas da condição feminina, o tratado prescreve receitas para restaurar a virgindade. Green assevera o caráter não apologético da introdução ao capítulo: “Um constritivo para a vagina, para que as mulheres possam ser encontradas como se virgens fossem, é feita desta maneira [...]”⁸². Os métodos constritivos visariam apenas a um estreitamento da vagina que se configuraria num auxílio ao prazer sexual no casamento. Entrementes, no fólho 195 é explícito o desejo de “enganar” o homem, ao se proceder a uma falsa defloração, mediante a introdução na vagina de sanguessugas para induzir uma hemorragia. Green salienta a interligação entre essa orientação e a cultura mediterrânea da época, em que a honra da mulher estaria intimamente ligada à virgindade. O sucesso dessas receitas deve ter feito a diferença para muitas mulheres entre o casamento e segurança financeira de um lado, e do outro, o ostracismo e pobreza, como conclui a historiadora.⁸³

De curis mulierum é uma obra baseada em conhecimento adquirido a partir de anos de prática. As passagens são normalmente formatadas na primeira pessoa com a inclusão do "eu" ou "nós" o que reitera a experiência da autora. Comprovando-a como autora do tratado, Trótula é apontada como mestre em seu próprio texto, quando relata como ela curou uma jovem que sofria de *ventositas matricis* (flatulência uterina):

Existem algumas mulheres que absorvem o vento através da vagina [...] que parecem estar sofrendo de uma ruptura ou problema intestinal. Daí aconteceu que Trótula foi chamada como mestra desta operação quando uma certa jovem mulher estava prestes a ser operada como se ela tivesse sofrido uma ruptura [...] ⁸⁴

Dentre suas recomendações e aconselhamentos, no campo da obstetrícia Trótula ensina o emprego da episiotomia:

Há algumas mulheres para quem as coisas dão errado ao dar à luz [...] pois há algumas mulheres nas quais a vagina e a abertura do ânus tornam-se a mesma via. Nestas mulheres o útero sai e endurece. Nós ajudamos essas mulheres através do reposicionamento do útero. Colocamos no útero vinho quente

⁸¹ *De curis mulierum*, f. 141. In: Green, ib., p. 91. (Tradução nossa do inglês).

⁸² *De curis mulierum*, f. 190-195. In: Green, ib., p. 103-104. (Tradução nossa do inglês).

⁸³ *Ib.*, p. 42.

⁸⁴ *De curis mulierum*, f. 151. In: Green, ib., p. 94. (Tradução nossa do inglês).

fervido na manteiga, e diligentemente fomentamos até que o útero se torne suave, e então nós gentilmente o recolocamos no lugar. Depois costuramos a ruptura entre o ânus e a vagina com três ou quatro pontos, com um fio de seda.⁸⁵

De ornatu mulierum é o tratado de cosmetologia e doenças dermatológicas. Elenca uma série de medicamentos naturais que prescreve às mulheres e revela igual preocupação com os reflexos psicológicos advindos de fatores ligados à aparência pessoal. Ensina as mulheres a conservar e melhorar sua beleza e tratar doenças de pele através de uma série de preceitos, conselhos e remédios naturais. Defende a importância da higiene na prevenção de infecções e doenças relativas às mulheres. Nesta esteira inovadora, recomenda exercício físico regular, a adoção de massagens com óleos e dieta equilibrada e saudável. Para Trótula, tais cuidados não refletem frivolidade: a beleza é sinal de um corpo saudável. Monica Green ensina que *De Ornatu mulierum* reflete o lado estritamente empírico da medicina salernitana. Realça a ausência de base teórica a justificar as doenças dermatológicas e suas causas. Reiterando as trocas culturais, elenca uma série de preparos e misturas, sendo alguns do uso comum das mulheres muçulmanas. Prescreve receitas baseadas em ingredientes locais e importados, como incenso, cravo, canela e noz-moscada. O tratado nos proporciona acessar os aspectos físicos da mulher salernitana do século XII e suas preocupações cosméticas e higiênicas. Revela-nos que as mulheres muçulmanas foram exemplo de beleza a ser seguido pelas salernitanas.⁸⁶ Ademais, a única fonte expressa das terapias oferecidas nessa obra é a cultura muçulmana. Ao demonstrar que as mulheres salernitanas adotavam suas práticas cosméticas, a obra revela uma regular interação entre cristãos e muçulmanos propiciada pela proximidade com a Sicília.⁸⁷

Como Jacquart e Thomasset afirmam, a enfermidade está presente no pensamento medieval. A atividade sexual está ligada ao temor, sendo o encontro com a mulher o momento mais temido. A mulher é um ser de tempo descontínuo: ameaçadora durante a menstruação e proibida durante a gravidez e a lactância, como advertiam os censores. O esforço dos médicos consistiu não em vencer as superstições, mas explicar as especificidades fisiológicas e psicológicas da mulher.⁸⁸

Os escritos de natureza médica no medievo se mostram sensíveis às pressões da teologia e permeáveis às influências de culturas estrangeiras. No caso dos escritos *Trotula*,

⁸⁵ *De curius mulierum*, f. 149. In: Green, ib., p. 92-93. (Tradução nossa do inglês).

⁸⁶ *De curius mulierum*, f. 251, 280 e 296. In: Green, ib., p. 115-121. (Tradução nossa do inglês).

⁸⁷ *Ib.*, p. 47.

⁸⁸ JACQUART, op. cit., p. 10.

observamos pouca pressão teológica e muita absorção dos ensinamentos que foram disponibilizados à Salerno em face das trocas culturais. Os tratados analisados reclamam uma autoria em sintonia com a cultura da *Opulenta Salerno* dos séculos XI-XII, cidade aberta às novas técnicas, aos conhecimentos trazidos pelas culturas grega, latina, islâmica e judaica. Testemunham vivamente a explosão do pensamento médico no sul da Itália e sua formalização em tratados, acontecimentos que se inserem no chamado “renascimento do século XII”.⁸⁹

Para o seu tempo, essa mulher sapientíssima inova no campo da ginecologia e obstetrícia. A recomendação da episiotomia aponta sem equívocos para a prática de uma medicina que visa a elidir ou minorar a dor em procedimentos ainda que corriqueiros como o parto, ao tempo que Trótula dá prova de grande competência e pioneirismo em cirurgias.⁹⁰ Santucci infoma que esta é a primeira menção histórica deste tipo de intervenção cirúrgica.⁹¹ Entendendo que o sofrimento da paciente pode ser amenizado, aconselha o emprego de meios anestésicos, neste e em outros casos médicos.

Em seus escritos, aponta a seus alunos e alunas o expediente necessário para cuidar da saúde feminina. Fornece-lhes referências de alguns procedimentos observados no exterior (como um medicamento feito por um certo médico na França), ao trabalho do mestre Paulo de Égina e aos ensinamentos de outros médicos e professores da Escola Salernitana, como Cofone. O tratamento poderia englobar atitudes e atividades, como ingerir alimentos leves e banhos mornos.⁹² A medicação à base de ervas e plantas medicinais relatadas nos tratados se encontra basicamente na maioria dos tratamentos empregados. Era elaborada por boticários (alquimistas, perfumistas, médicos) na *Officine Vegetali*, utilizando muitos dos vegetais cultivados nos jardins de Salerno – *Orti dei Semplici*.⁹³ Seus efeitos nutricionais também eram estudados, além da finalidade preventiva e terapêutica. Temos aqui a aplicação direta da filosofia de Hipócrates: “Deixe o alimento ser sua medicina e a medicina ser seu alimento. ”

Cabe ressaltar que Salerno detinha um ativo mercado de drogas e ervas. Como cidade marítima, havia se tornado um dos centros de distribuição e troca entre o Oriente e o Ocidente, fato que obviamente contribuiu para o desenvolvimento de uma área de cultivo local dessas plantas medicinais. O *Giardino della Minerva*, horto localizado em uma colina na costa de Salerno durante a Idade Média, era usado como um jardim de ervas para fins educacionais

⁸⁹GREEN, op. cit., p. 2.

⁹⁰BERTINI, op. cit., p.116

⁹¹DALL’AVA-SANTUCCI, op. cit., p. 50.

⁹²*De passionibus mulierum curandarum*, f. 25, 68, 115 e 139. In: Green, op. cit., p. 69, 75, 81 e 90.

⁹³Os *Orti dei Semplici* são espaços onde se cultivavam ervas e plantas medicinais que seriam objeto de pesquisa e experimentação dos boticários medievais para confirmação dos seus efeitos terapêuticos.

aos alunos da escola de medicina. Muitas dessas espécies são citadas no *Regimen Sanitatis Salernitanum*⁹⁴, tratado didático-pedagógico, escrito em torno do século X, cuja produção é atribuída à *Schola Medica Salernitana*, sendo um texto médico muito popular na Idade Média.

Dentre as prescrições de Trótula se encontram, com frequência, o emprego de diversas plantas medicinais importadas, como a mirra e a acácia, originárias do Egito e da Arábia Saudita, ou *musk*, de origem asiática. Essas ervas e especiarias eram incorporadas aos banhos, fumigações e terapias odoríferas. A forte dependência desses ingredientes é indicativo da realidade econômica e social da Salerno do momento, que dispunha de um comércio internacional, propiciado pelas vias portuárias (também de Amalfi) que facilitava a aquisição de ervas medicinais que a médica utilizava terapêuticamente.

Os diagnósticos, tratamentos e medicações consistentes ao longo dos tratados estudados muito informam sobre o impacto da economia e das influências externas na vida do homem medieval. A aplicação da doutrina médica salernitana na obra de Trótula demonstra profunda conexão do texto com seu tempo. Trótula seguia a tradição islâmica de combinar muitas ervas em suas terapias. A teoria dos humores de derivação hipocrática e galênica é chamada a explicar determinadas disfunções fisiológicas. Conceitos como do movimento uterino refletem a sobrevivência de noções médicas da Antiguidade. A forte influência das traduções constantinas, máxime de *Viaticum*, está presente nos tratamentos afetos à gravidez e ao parto.⁹⁵ Recomenda tratamentos à base de sangrias, fumigação (método tradicional na medicina islâmica), terapia odorífera e utilização de pesários (tampão embebido em medicamento e inserido na vagina, muito utilizado ao longo do Medieval, na Europa Ocidental, principalmente como método contraceptivo). Trótula aconselha o uso de banhos, cujos efeitos terapêuticos são recomendados nos textos gregos de Galeno e na medicina islâmica, que ainda os prescrevem quentes, com ervas e em vapor.

O estudo da medicina do período deve ser realizado sob uma perspectiva medieval. A análise da medicação que prescreve nos três tratados nos permite observar a conexão entre a medicina popular e a medicina inovadora que se desenvolvia em Salerno. Trótula não se utilizou nem da astrologia ou astronomia em qualquer dos seus tratados, por outro lado, reportou-se à magia ao tratar do parto, procedimento comum em seu tempo. Observamos ainda que não

⁹⁴*Regimen Sanitatis Salernitanum*: obra coletiva cujo conteúdo tem por princípio o perfeito equilíbrio entre o homem e a natureza. Estima-se que tenha sido escrito em torno do século X, reunindo os preceitos de higiene ditados pela Escola Médica de Salerno e baseia-se na tradição grega e árabe que resume o homem a parcela do cosmos. Disponível em: <<http://www.lascuolamedicasalernitana.beniculturali.it/index.php?it/109/regimen-sanitatis>>. Acesso em 12 set. 2016.

⁹⁵GREEN, op. cit., p.30-34.

parece se sujeitar a preconceitos de ordem moral ou religioso quando prescreve meios de restaurar a virgindade ou métodos contraceptivos. Trótula intenciona restituir um corpo sã em sua integralidade e funcionalidade, seja a uma mulher ou a um homem, e a sexualidade de ambos é considerada com muita naturalidade e é uma constane em sua obra.⁹⁶

A delicadeza com que aborda os males ginecológicos e a profunda compreensão da condição feminina são posturas suficientemente raras na Idade Média. Os ensinamentos contidos nos tratados salernitanos seriam seguidos por muitos anos em toda a Europa, tornando Trótula de Salerno a mulher de mais prestígio em ginecologia e obstetrícia da Idade Média.

⁹⁶BERTINI, op. cit., p.112.

2. Capítulo

2.1. *Vexata quaestio*

Chegamos em um momento em que a História da Medicina e a História das Mulheres se encontram. Os estudos históricos sempre se deparam com referências a Trótula de Salerno que teria vivido no século XI e XII e escrito os três mais importantes trabalhos em ginecologia, saúde mulher e cosmetologia da Europa Medieval. É identificada como a primeira mestra em medicina na cidade de Salerno - que foi, em seu tempo, o epicentro de ensino de medicina da Europa Ocidental. Os escritos atribuídos à Trótula incluem três tratados: *De passionibus mulierum curandarum ante, in et post partum*, *De curis mulierum* e *De ornatu mulierum*.

A identidade de Trótula não foi questionada até o século XVI. Estudiosas, estudiosos, médicas, médicos e leigas e leigos aceitaram a sua reputação como médica, mestra, escritora notável da Idade Média, e se lançaram sobre seus tratados, bebendo da fonte de seu conhecimento em ginecologia e obstetrícia. Seus trabalhos foram continuamente copiados, sendo verificado que há cópias dos manuscritos do texto *Trotula*, até o século XVI.⁹⁷

É certo que divergência de opiniões em torno de Trótula e sua obra não sobrevêm antes do início da Idade Moderna, quando Trótula passará de figura histórica à lendária, alteração operada especialmente por homens, que duvidando de sua existência, por vezes concediam que fosse do sexo masculino, atribuindo-lhe os nomes de Trottus ou Eros. Realmente existiu uma mulher médica de nome Trótula ou Trota⁹⁸? Se existiu, teria escrito os tratados de ginecologia amplamente atribuídos a ela? A controvérsia se prolonga. Green distingue dois destinos dos textos escritos creditados à Trótula. Constata que circularam de forma independente pela Europa Ocidental, até o século XV, mas também como um conjunto padronizado. Neste caso, os tratados teriam sido reunidos, no século XII, por um compilador anônimo que após revisar ligeiramente a redação do texto, promove acréscimo de material e reorganiza os capítulos. De tal sorte, passou a circular sob o nome de *Summa que dicitur "Trotula"* – o compêndio nominado doravante apenas como *Trotula*. Admitem que foi, sem dúvida, o mais popular

⁹⁷Nesse sentido, em seu inventário sobre os manuscritos de textos literários medievais em francês presentes nas bibliotecas de Cambridge, Paul Meyer afirma ter conhecimento de três manuscritos de Trótula datados dos anos 1544, 1547 e 1566. MEYER, Paul. *Les manuscrits français de Cambridge*. III – Trinity College. Paris, 1903, p.88-89.

⁹⁸Tro(c)ta era um nome comum nos registros necrológicos de Salerno, dos século XI e XII, tendo por diminutivo, Trótula.

conjunto de escritos sobre a medicina da mulher do século XII ao XV, estando presente nas bibliotecas de médicos e cirurgiões, monges, filósofos e príncipes da Itália à Irlanda, da Espanha à Polônia. Era o livro de referência para médicos e cirurgiões e muitos textos, compostos na Idade Média sobre ginecologia, fizeram remissões ao compêndio *Trotula*.⁹⁹

Os três tratados circularam pela Europa Ocidental, onde o latim era a língua franca das elites letradas e, para além do século XIII, em toda a Europa, quando foi traduzido para as línguas vernáculas. Embora as estudiosas e os estudiosos de Trótula concordem que tenham sido gerados entre os séculos XI e XII e de origem salernitana, alguns céticos alegam que essas obras refletem o trabalho de ao menos três autores com distintas perspectivas das doenças da mulher e preocupações cosméticas. Poucas décadas após a publicação da edição seiscentista, inicia-se o debate sobre o sexo e a identidade do autor (a) ou autores (as), dúvidas e questionamentos que encontramos até o século XXI.

2.2. *Complexa querela historiográfica*

Trótula *persona* ou Trótula personagem fictícia, Trótula mulher ou Trótula homem, Trótula médica ou Trótula mera parteira, Trótula autora de tratados em ginecologia ou Trótula pseudônimo são algumas das questões que movimentaram e ainda movimentam a cena historiográfica da medicina medieval. Positivamos a forte tendência de historiadoras e historiadores a duvidar até mesmo de sua existência e masculinizar a autoria dos trabalhos que levam seu nome.

A questão não atine apenas à clássica questão colocada no século XIX, se as mulheres eram capazes de fazer ciência. É muito mais que isso. Envolve debates sobre a capacidade intelectual da mulher medieval e sobre a construção do discurso misógino no outono da Idade Média, que reduzirá gradual e progressivamente os espaços de atuação feminino até seu esvaziamento e confinamento ao ambiente privado. A reconquista desses espaços se insere em um processo lento, iniciado pelos movimentos feministas no século XIX e que, ainda no século XXI, encontra sérios obstáculos. Não é apenas a paternidade de um tratado que está em questão, mas o estatuto do autor que se vislumbra incompatível com a condição da mulher.

Uma figura do porte de Trótula teve o condão de acirrar polêmicas entre estudiosas de tendência feminista e ideólogos abertamente misóginos, dispostos a não admitir sua existência,

⁹⁹ GREEN, op. cit., p. 60.

como salienta o historiador italiano Bertini¹⁰⁰. A análise dos manuscritos atribuídos à Trótula, de documentos contemporâneos e posteriores que reportam ao seu trabalho e do contexto social, econômico e cultural em que vivia, nos conduzem a concluir pela plausibilidade de sua existência dentro da História. Reiteramos: existência histórica não negada do século XII ao XVI; antes, unanimemente aceita e reconhecida. Não encontramos registros de suspeitas manifestas em torno da autoria, ou sexo da autora, no curso do medievo. Contrariamente, Trótula se prolonga como instância de reconhecimento da autoridade feminina em saúde e cuidados das mulheres.

Em 1544, teremos a primeira edição impressa dos manuscritos atribuídos à Trótula, por obra e iniciativa do médico e humanista alemão Georg Kraut, sob o título: O livro de Trótula sobre o tratamento das doenças das mulheres antes, durante e depois do nascimento (*Trotulae curandarum aegritudinum muliebrium ante, in et post partum Liber*). A grande inovação editorial foi reorganizar todo o material em uma *summa* ordenada em 61 capítulos, tomando-se por base o já padronizado conjunto de textos circulante. Consoante expõe Monica Green, ao sistematizar os tratados, Kraut promove uma intervenção arbitrária no sequenciamento dos tópicos e realiza algumas supressões que, no conjunto, resultam em um texto redundante e caótico relativamente aos três manuscritos originais. Segundo Green, o editor teria alterado o prólogo do *De passionibus mulierum*, ao incluir uma afirmação do autor sobre sua motivação para escrever o tratado, de modo a sugerir a uma mulher a autoria da obra, além de proceder a supressões. Entende a historiadora que a edição de Kraut contribuiu para a controvérsia que se instalaria quanto à autoria do compêndio, redundando em desserviço à história de Trótula.¹⁰¹ Esta edição foi reimpressa onze vezes durante o século XVI, o que aponta para uma longevidade e credibilidade do texto para além do apogeu da escola de Salerno.

Em artigo publicado em 1979, Beryl Rowland estuda cópias dos manuscritos latinos *Trotula major e Trotula minor* presentes nas bibliotecas de Canterbury, Dover e Christchurch no Reino Unido.¹⁰² Reforça que por vários séculos tais escritos foram atribuídos à médica de Salerno e que usufruíram de ampla divulgação na Idade Média, fazendo parte da literatura médica feminina que se inaugurou no período. Tinham por destinatário as mulheres especificamente. Entrementes, em *Exhuming Trotula*, como intitula seu texto, lança dúvidas sobre sua existência. A “exumação” não pretende retirá-la do esquecimento, mas retirá-la da

¹⁰⁰ BERTINI, op. cit., p. XXII.

¹⁰¹ GREEN, op. cit., p. 59-60.

¹⁰² ROWLAND, op. cit., p.42-57.

história, por definitivo. Ao argumento de que existe a possibilidade de haver equívoco em torno da real autoria, ressalta que, o primeiro questionamento sobre o sexo e consequente negação da existência histórica da mulher Trótula, havia sido suscitado no início da Idade Moderna, por Kaspar Wolff, em *Harmonia gynaeciorum* (1566). Com efeito, o médico suíço nega completamente a existência de Trótula. Aduz que as abreviações constantes na capa de certos manuscritos – *Trot* e *Tt* foram mal interpretadas e que a mulher medieval não teria capacidade de produzir um tratado médico. Creditará a autoria de *De passionibus mulierum curandarum* a um escravo livre romano do Império de Júlia (180-222), filha do imperador Augusto, de nome *Eros* ou *Erotes*.

A imputação da autoria de *Trotula* a um obscuro liberto romano do século II é hipótese que peca pela incoerência, haja vista que *De passionibus* traz referências flagrantemente posteriores, tanto no que concerne a personagens da medicina, como a conceitos e práticas médicas¹⁰³. Essa menção não seria digna de nota, senão pelo fato que acendeu uma fagulha sobre a existência de Trótula de Salerno. Essas inconsistências não serão suficientes e outros argumentos serão suscitados, como a incapacidade das mulheres em geral para se ativarem como médicas ou escritoras ou a possibilidade se ter mulheres médicas e mestras na Salerno medieval. No conjunto, reforçarão a celeuma que se arrasta até nossos dias.

A primeira biografia de Trótula vem da pena do médico, escritor e historiador napolitano Salvatore De Renzi (1800-1872). Compulsando os arquivos das bibliotecas de Nápoles, em 1852, produzirá *Collectio Salernitana*, obra monumental em cinco volumes, que nos trará dados sobre a vida da *magistra*. Bertini reclama da escassa bibliografia especializada sobre a história das mulheres na medicina e lança um olhar de incredulidade sobre alguns episódios potencialmente lendários e folclóricos tomados por verdadeiros em torno de Trótula. Credita a De Renzi dados biográficos que não se sustentam sequer em evidências, como o funeral de Trótula que teria sido seguido por um séquito de dois quilômetros de pessoas. No conjunto, contribuem para transformar Trótula em uma personagem fascinante, porém lendária, obscurecendo sua real trajetória histórica.¹⁰⁴

Atribuir tratados complexos de cunho médico a uma mulher do medievo parece chocar os estudiosos a partir do Renascimento. Vislumbra-se como hipótese incabível, no espaço medieval, uma mulher, culta e letrada, a influenciar e orientar gerações. A situação adquire cores mais fortes quando se atribui a autoria de tratados médicos (cuja legitimidade os garantiu

¹⁰³ *De passionibus mulierum* traz referências expressas à Galeno, Cofone e à própria Trótula.

¹⁰⁴ BERTINI, op. cit., p.100.

longevidade por séculos e em espaço territorial amplo e diversificado culturalmente) a uma mulher.

Em 1773, C. G. Grunner desafia a noção de que *Trotula* seria um texto da Antiguidade. Entretanto, longe de admiti-la como sua autora, descartou sua suposta autoria, ante a citação interna a ela no texto.¹⁰⁵ A partir desse momento, reporta-se ao autor apenas no masculino, não pensando sequer por um momento que o anônimo poderia ser uma mulher.¹⁰⁶

Os séculos XIX e XX seguem os passos de Wolff perpetuando a negação à Trótula. As variadas e conflituosas opiniões levantadas são indicadores sensíveis sobre a percepção que os estudiosos detinham relativamente às mulheres. Assim, seus trabalhos refletirão uma ideologia acerca da questão feminina, como realça Susan Mosher Stuard.¹⁰⁷

O historiador alemão da medicina Karl Sudhöff e o casal de historiadores Charles e Dorothea Singer rechaçarão sua existência como reconhecida no Ocidente medieval, ao argumento de que seus trabalhos incluíam instrumentos cirúrgicos demasiadamente complicados, além de não terem pertencido ao mundo acadêmico. Singer avalia que nenhuma mulher no medievo escreveria tão explicitamente sobre questões sexuais e conclui que o autor seria um homem chamado *Trottus*. O historiador revela muito de sua postura pessoal sobre a atribuição dos papéis sexuais e ainda ironiza afirmando que não seria desprovido de humor uma mulher além de professora ter tentado escrever.¹⁰⁸ Por seu turno, Sudhöff não nega a existência, mas redefine Trótula como mera parteira. Desprovida de erudição, não construiria argumentos teóricos como esposados no compêndio.¹⁰⁹ Conrad Hiersemann, da escola de Sudhöff, baseando-se no manuscrito de Wroclaw, cujo autor desconhecido era identificado por *Tt.* ou *Trot*, entendeu que tais abreviações também se referiam a um homem de nome *Trotus*.¹¹⁰

A ideologização da história, cravada por convicções misóginas, transpõe-se para o campo da filologia. George Hamilton analisa *De passionibus mulierum* e admite a possibilidade de atribuição da autoria à Trótula. No entanto, enxergando um “caráter pornográfico”, ao qual

¹⁰⁵ Cf. nota 82.

¹⁰⁶ GRUNER apud GREEN, Monica H. In search of an "Authentic" women's medicine: the strange fates of Trota of Salerno and Hildegard of Bingen. *Dynamics: Acta hispanica ad medicinae scientiarumque historiam illustrandam*, Granada, v. 19, 25-54, 1999.

¹⁰⁷ STUARD, Susan Mosher. Dame Trot. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, Chicago, v. 1, n. 2, p. 537-542, 1975.

¹⁰⁸ SINGER apud STUARD, ib., p. 539.

¹⁰⁹ Ib., p. 539.

¹¹⁰ BENTON, op. cit., p. 10.

credita a popularidade medieval que o trabalho conheceu, retira-lhe o *status* de médica.¹¹¹

O historiador Bertini alega que movido por uma “histeria feminista”¹¹², um grupo de estudiosas da medicina da mulher promoverá uma reação às teses suscitadas contra Trótula e intencionará o resgate de sua história. Em 1900, Méline Lipinska, médica francesa, adota a tese de De Renzi, ampliando a biografia baseada na descoberta de novos manuscritos. Na década de 1930, Kate Campbell Hurd-Mead, ginecologista e presidente da *American Women's Medical Association*, após pesquisa nos catálogos de manuscritos, escreve o livro *A History of Women in Medicine*.¹¹³ Afirma que os copistas medievais aceitaram Trótula como a autora e ressalta que sua identidade, como especialista em doenças da mulher, não foi questionada do século XII ao XVI. Hurd-Mead a considera pioneira na ginecologia moderna e questiona a tese dos acadêmicos de a autoria ser de um homem que se escondeu sob um pseudônimo feminino. Em 1940, Elizabeth Mason-Hohl traduzirá para o inglês a maioria dos manuscritos de Trótula.¹¹⁴ Monica Green critica a profundidade da pesquisa porquanto baseada na edição de Kraut que trouxe em seu bojo alterações e inserções significativas aos originais, passíveis, portanto, de produzir distorções biográficas.¹¹⁴ Não obstante, a contribuição dessas médicas feministas, em última instância, foi trazer ao debate novamente essa personagem tão polêmica, fazendo frente às conclusões misóginas em andamento. Ao final do século XX, a história das mulheres se esforçará para recuperá-las como objetos dignos de memória.¹¹⁵

Arturo Castiglioni, historiador ítalo-americano, consente que *De Passionibus mulierum* poderia ter sido copiado de um original do século XI. Não atribuiu o manuscrito definitivamente à Trótula, mas reconhece a existência de uma mulher médica, terapeuta ou praticante de medicina, na antiga Salerno do século XI ou XII.¹¹⁶

Como ressalta Stuard, em meados do século XX, um sinal positivo se acendeu relativamente à Trótula, que agora parece ter existido e poderia ter sido a autora dos tratados. A historiadora observa que os debates até aqui travados apresentam argumentos históricos que em si revelam muito da atitude das historiadoras e historiadores acerca da autoridade de uma mulher em um campo tão respeitado e profissionalmente organizado como o da medicina.

¹¹¹ HAMILTON apud STUARD, op. cit., p. 540.

¹¹² BERTINI, op. cit., p. XXII.

¹¹³ STUARD, op. cit., p. 540.

¹¹⁴ GREEN, op. cit., p. 25-54.

¹¹⁵ JORNET I BENITO, Nuria. La relación com los recuerdos: la autoridad y el poder de la memoria. In: RIVERA GARRETAS, María-Milagros. (Org.). *Las relaciones en la Historia de la Europa Medieval*. Valencia: Tirant lo Blanch, 2006, p. 40.

¹¹⁶ CASTIGLIONI apud STUARD, op. cit., p.541.

Stuard positiva o desconforto dos estudiosos modernos com o conteúdo e a atitude transparente sobre a sexualidade nos tratados, quando a audiência medieval estava preparada para essa abordagem e não parece ter se chocado. Neste sentido, traz o exemplo de Tomás de Aquino, frade dominicano que, no século XIII, tratou com franqueza temas ligados à sexualidade. Entrementes, o ceticismo em torno de Trótula persistiu, demandando novos esforços de historiadoras e historiadores.¹¹⁷

Beryl Rowland estuda várias conotações do termo *trote* e conclui que Trótula não é o nome de uma pessoa real. A divulgação do seu trabalho estaria relacionada ao verbo francês *trotter* (andar a esmo), associado à expertise em assuntos femininos, como verificou na literatura da época. Daí atribuírem aos tratados sobre saúde da mulher o nome de Trótula.¹¹⁸

Em 1985, o historiador americano John F. Benton¹¹⁹ investiga mais de cem manuscritos atribuídos à Trótula e conclui que foram escritos por autores diferentes, consoante aponta sua análise gramatical.¹²⁰ Assevera que nenhum é atribuível à assinatura feminina, haja vista que o ensino acadêmico de medicina era um campo dominado por homens à época, do qual a mulher era excluída. Ainda que não lhe seja possível conferir a autoria dos tratados à Trotula, contrariando as assertivas de Rowland, demonstrou que há evidências sólidas que, no século XII, uma mulher médica chamada Trótula ou Trota exerceu a medicina em Salerno. Enuncia: Trota era um nome comum no sul da Itália à época e *De curis mulierum* se reporta à reputação da médica chamada Trota.¹²¹ Contudo, analisando o manuscrito de Wroclow (de 1200, aproximadamente) conhecido como *De aegritudinum curatione*, concluiu que, a ausência do “M” de *magistra* precedendo a abreviação *Trot.* ou *Tt.*, seria indicativo de que Trótula não detinha título de mestra. Sendo assim, não teria escrito *De passionibus mulierum*. A pesquisa de Benton o leva à importante descoberta de um manuscrito na biblioteca da Universidad Complutense de Madrid - *Practica secundum Trotam*. Anterior ao século XII, traz em epígrafe, “*Secundum Trotam ad menstrua provocanda quórum retentione mulier concipere non*

¹¹⁷ STUARD, op. cit., p. 541-542.

¹¹⁸ ROWLAND, op. cit., p. 42-57.

¹¹⁹ Benton (1931-1988), historiador e pesquisador do Instituto de Tecnologia da Califórnia, acredita que haja espalhado, pela Europa, um número superior a este. Encontrou versões latinas datadas do século XIII, uma tradução ao irlandês no século XIV e, no século XV, trabalhos traduzidos ou reescritos para o francês, inglês, alemão, flamengo e catalão

¹²⁰ BENTON, op. cit., p. 30-53.

¹²¹ Segundo Benton, os dois manuscritos mais antigos de *De curis mulierum* constam, em latim, no que seria o f. 151 de Green, *Unde contigit quod Trota vocata fuit tanquam magistra*. “E assim aconteceu que Trota foi chamada como mestra.” (Tradução nossa do latim).

potest...”¹²²e prossegue com questões ginecológicas e pediátricas, também encontradas em *De aegritudinum curatione*. Benton revela que os dois contêm idênticas passagens e são fragmentos de um trabalho mais amplo, agora perdido. A *Practica secundum Trotam* explicitamente atribui sua autoria à Trota, soletrado duas vezes por inteiro, como verificou o historiador. Pela primeira vez, identifica-se a autenticidade de um trabalho atribuído à médica salernitana *Trota*, reestabelecendo sua historicidade, como realça Green.¹²³ Contudo, Benton não vê correlação de conteúdo entre estes dois tratados e os três que compõem o compêndio designado *Trotula*. Contudo, enfatiza com segurança que Trótula foi autora da *Practica* e de seções em *De aegritudinum curatione*. Concluiu que os três manuscritos que compõem a *summa* foram escritos em Salerno, em torno do século XII, quando circulavam separadamente, sendo dois de forma anônima; reconheceu diferenças estilísticas entre os três e verificou que, apenas após o final do século XII, passam a circular conjuntamente e identificados pelos copistas como sendo obra da “*sanatrix Salernitana*”.

Seus estudos trazem à luz evidências que, entre o século XI e XII, Salerno (centro de educação em medicina) possuía um número significativo de mulheres dedicadas às práticas médicas, sendo algumas respeitadas por suas habilidades. Algumas conclusões de Benton não nos parecem robustas o suficiente a elidir a hipótese de Trótula ser uma médica e mestra na Escola Médica de Salerno. A ausência da letra *M* a indicar *magistra* no manuscrito de Wroclow não é prova contundente. À alegação da exclusão das mulheres da vida acadêmica, Benton nos traz os decretos das universidades de Londres e Paris que impediam o acesso de mulheres ao ensino acadêmico, desconsiderando o fato de que a *Schola Medica Salernitana* franqueava o acesso às mulheres aos estudos e à cátedra da medicina.¹²⁴

Por sugestão de Benton, Monica Green se propõe a editar e traduzir esse *corpus* documental que a tradição conferiu à Trótula. Os manuscritos se encontram separados ou reunidos em compêndios, muitos deles fragmentados, em diferentes redações, em ampla variedade de línguas e em diversas bibliotecas e coleções espalhadas principalmente pela Europa. O trabalho hercúleo de Green foi analisar esse complexo documental e reorganizá-lo sistematicamente. Assim, se produziu a primeira tradução em inglês baseada no conjunto padronizado, em latim, que circulava em torno de 1300. Este trabalho implicaria em uma

¹²² “De acordo com Trota, a fim de provocar a menstruação, quando uma mulher não pode conceber, devido à sua retenção...” (Tradução nossa do latim).

¹²³ GREEN, Monica H. *The Trotula: an english translation of the medieval compendium of women's*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2001, p.16.

¹²⁴ DALL’AVA-SANTUCCI, op. cit., 49.

revisão das hipóteses lançadas por Benton.¹²⁵ A investigação de Green se conduz pela verificação de diferentes abordagens teóricas e práticas em cada um dos três tratados. *De passionibus mulierum* tem arcabouço teórico mais robusto, assentado na tradição clássica greco-romana (máxime em Galeno e Soranus) e na nova medicina árabe.¹²⁶ Analisa que *De curis mulierum* compartilha, com *De passionibus*, a abordagem relativa à medicina da mulher (doenças e terapêuticas), influência da medicina árabe e origem no mesmo meio social. Porém, não reconhece igual interesse em teoria da medicina em *De curis mulierum* e afirma que o texto evita remissões a termos técnicos da medicina medieval.¹²⁷ Para Green, *De ornatu mulierum* reflete o lado empírico da medicina salernitana, preocupa-se com a beleza da mulher, listando detalhadas preparações cosméticas, sem oferecer nenhum suporte teórico em dermatologia.

Quanto aos tratados *Practica* e *De aegritudinum*, verifica a existência de receitas e fórmulas comuns com *De curis mulierum*, mas acredita que a descuidada organização estrutural deste último informa que o autor (a) não detinha estudo teórico, como seria de esperar. Relaciona essa evidência com as oportunidades educacionais oferecidas à mulher da Idade Média. Pondera que “aparentemente” as mulheres não tinham idênticos privilégios educacionais que os homens, em Salerno, mas admite não ser incomum mulheres praticarem a medicina e que, a prática da ginecologia e obstetrícia por parte de homens, era limitada. Essas assertivas de Green não são consistentes o suficiente a elidir a hipótese do acesso das mulheres ao estudo médico, até porque ela própria reitera que há abundantes evidências da prática médica, por mulheres, nos séculos XI e XII, em Salerno.¹²⁸ No mais, não havia regulamentação da medicina nesse momento, não se podendo, portanto, requerer um licenciamento de Trótula.¹²⁹ *De passionibus mulierum* e *De curis mulierum* concordam basicamente um com o outro em vários pontos fundamentais da fisiologia e etiologia feminina e, ao final do século XII, foram reunidos e atribuídos a uma só autora - Trótula. Esses fatos, aliados às outras evidências traçadas ao longo do nosso trabalho, não nos parece firmar o convencimento de que a autoria de ambos seja necessariamente diversa. Contrariamente, seu conjunto propugna por um entendimento que avaliza uma autoria comum. No mais, Green sentencia que o primeiro

¹²⁵ Um reexame dos fundamentos da ginecologia na Idade Média refoge ao objeto da presente pesquisa. Intencionamos retornar a ele em um próximo trabalho.

¹²⁶ GREEN, op. cit., p.17-18.

¹²⁷ GREEN, op. cit., p.37-38.

¹²⁸ Ib., p. 48.

¹²⁹ Ib., p. 13.-14.

tratado ainda permanece anônimo, tendo “provavelmente” uma autoria masculina. Portanto, a questão permanece em aberto. Quanto a *De ornatu mulierum* positivamos que utiliza os mesmos ingredientes (vegetais, animais e minerais) locais e importados da mesma forma como recomendados nos tratados anteriores. Green atribui o tratado “certamente”¹³⁰ à escrita masculina, porém ressalta que o autor fez uso de informações que obteve de mulheres (incluindo muçulmanas) e que nele está explicitado o senso estético das mulheres do sul da Itália. *In casu*, a historiadora não é clara quanto aos elementos que formam sua convicção quanto a uma autoria masculina; tampouco sugere um autor, primando novamente pelo anonimato autoral.

A historiadora discorda das assertivas de Benton sobre uma autoria masculina nos três tratados. Afirma que não apenas por ser atribuído à Trótula desde as primeiras versões, quando circulava independente dos demais, mas pela clara coincidência de passagens com os manuscritos *Practica secundum Trotam* e *De aegritudinum curatione* (cujas legitimações se lhe reconhece) e pela restrição cultural do homem medieval ao acesso ao corpo feminino, vê forte ligação da Trótula histórica à *De curis mulierum*. Acredita que este seja um “palimpsesto”, cuja voz feminina da autora foi substituída por outrem de sexo incerto.¹³¹

Os primeiros estágios da medicina salernitana contam com um afluxo de informações e referências advindas da combinação do aporte teórico que inundava o sul da Itália, permitindo que vários médicos e escritores recorressem a uma gama de abordagens vindas da cultura latina, grega, árabe e/ou judaica. Tal circunstância propiciaria que um escritor (a) utilizasse a teoria galênica em um escrito e prestigiasse a islâmica em outra. Da mesma sorte, poder-se-ia escrever um tratado eminentemente teórico e, em outro momento, um manual prático, atingindo audiências diversificadas. A remissão profunda ou ligeira a aspectos teóricos complexos, a extensa ou sucinta exposição de motivos, a maior ou menor abordagem de práticas médicas apontam, em última análise, para diversas intencionalidades entre os três tratados. Em nosso entendimento, não estatui, categoricamente, distintas autorias ou, em entendimento extremo, uma provável autoria masculina.

Até o presente momento, temos a historicidade de Trótula restaurada por meio do testemunho de parte dos seus escritos considerados autênticos por Benton e Green: o compêndio *De aegritudinum curatione* e o extenso tratado *Practica secundum Trotam*. Green consente que *De curis mulierum* se configure na terceira evidência da prática médica de Trótula. Ela seria a

¹³⁰ GREEN, op. cit., p. 48.

¹³¹ *Ib.*, p. 49-51.

autoridade por trás do texto; podendo ou não ser de sua lavra a escrita em si, o material deriva certamente do trabalho de Trótula. Nesse sentido, Monica Green afirma que os tratados acima “[...]demonstram que Trota tem tanto direito a reivindicar sua existência e autoria quanto os seus contemporâneos escritores de Salerno [...]”¹³² Não obstante os avanços historiográficos, a existência de Trótula ainda resta limitada a uma mulher que exerceu a medicina a certo nível, objetando-se sua categoria de ginecologista e tratadista.

2.3. *A política sexual na Idade Média e seus reflexos na historiografia de Trótula*

Ao analisar o tema da diferença sexual na Europa feudal, Rivera Garretas alude aos estudos da filósofa Prudence Allen, trazendo-nos as três teorias que procuram explicar a política sexual na Idade Média.¹³³ Allen observa que há mudanças ao longo do período quanto à forma dos sexos se relacionarem e como homens e mulheres se relacionam com o fato de terem nascido homens ou mulheres. Conclui que por volta do século XII até meados do século XIII, predomina efetivamente o entendimento de que os sexos são substancialmente diferentes, mas de igual valor, importando a diferença sexual em riqueza relacional, tendência que nomeou de Teoria da Complementariedade dos Sexos, o que vem ao encontro das evidências da possibilidade histórica da existência de uma figura feminina na cátedra e atividade médica. Trótula vive nesse momento, onde não prevalece a segregação entre os sexos. Homens e mulheres, na Salerno do século XI e XII, vivenciam semelhantes possibilidades culturais e profissionais. A historiadora Cláudia Brochado refuta a tão propalada invisibilidade da mulher medieval. Demonstra que há farta prova documental, consistente em seus próprios registros, que testemunham sua atividade intelectual por meio da escrita.¹³⁴ É também por essa via que Trótula se insere na História. Seus tratados testemunham a elaboração de sua própria subjetividade, expondo suas vivências e experimentações e marcando sua temporalidade. No uso da tecnologia das “escritas de si”, como diz Rago,¹³⁵ Trótula se transpõe para o campo relacional com sua audiência. Entrega, aos seus leitores, suas experimentações na vida profissional, ciosa que há uma lacuna nos cuidados com a saúde da mulher que precisa ser preenchida e que há uma demanda por tal conhecimento e cuidados. Ao escrever-se em sua obra, insere-se na história, proporcionando aos leitores futuros reconstruir seu pensamento, sua

¹³² GREEN, op. cit., p. 50. (Tradução nossa do inglês).

¹³³ RIVERA GARRETAS, María-Milagros. *La diferencia sexual en la historia*. Valencia: PUV, 2005, p. 93-101.

¹³⁴ BROCHADO, Cláudia. Evangelhos em feminino: interpretações de uma escritora medieval ibérica. *Cadernos Pagu*, Campinas, edição 42, jan./jun. 2014.

¹³⁵ RAGO, op. cit., p. 52.

realidade e, enfim, sua existência.

Em meados do século XIII, setores conservadores se arremetem contra a relação complementar. Por meio da Igreja, na instituição do seu braço jurídico - Inquisição, e no conservadorismo das universidades. Por parte também das monarquias feudais da Europa, através do seu poder legiferante restringindo e delimitando as liberdades. Prevalece a tendência à Teoria da Polarização entre os sexos, ao entendimento que homens e mulheres guardam diferenças substanciais e os homens são superiores a elas. Allen batiza essa mudança política, abertamente misógina, que subordina as mulheres aos homens, de “Revolução Aristotélica”, na medida em que a leitura de seus textos se tornou obrigatória nas universidades que nasciam.

Aristóteles distinguiu o ser humano dos demais seres viventes. No entanto, concluiu que não obstante todos os seres humanos serem racionais, a faculdade racional não se apresentava da mesma maneira em homens, escravos, mulheres e crianças. No caso das mulheres, não se verificaria autoridade em suas deliberações racionais.¹³⁶ Não estando aptas para as atividades racionais, as mulheres não estariam capacitadas a direcionar suas atividades de maneira ordenada, necessitando serem dirigidas pelo homem. Sendo naturalmente incapaz, estaria sujeita ao homem, único detentor de sabedoria. O filósofo reconhecia, como específica virtude da mulher, a obediência à sabedoria masculina: "A virtude da mulher é obedecer, a virtude do homem é dominar."¹³⁷

Em decorrência da hierarquização das relações entre os sexos, que coloca os homens como superiores, a história conhecerá a retração dos espaços de liberdade feminina, limitando o acesso das mulheres ao conhecimento e aos espaços de saber, como espaços religiosos e universidades. Salvo algumas exceções, como da medicina em parte da Itália, as mulheres serão excluídas da habilitação formal da medicina, até o século XIX. Até lá, a história das mulheres na medicina será essencialmente uma história clandestina. Vai se delineando firmemente o monopólio masculino em diversos domínios, inclusive no campo da medicina das mulheres, conhecimento que lhes foi habilmente franqueado pela transmissão oral e escrita das primeiras ginecologistas e tratadistas. Neste campo não se viceja altruísmo. Retira-se da mulher a possibilidade de produção e aquisição de conhecimentos sobre o funcionamento do seu próprio corpo.

¹³⁶ALLEN, Sister Prudence. *The concept of woman: the Aristotelian Revolution (750 B.C.- A.D. 1250)*. Montreal: Eden Press, 1985, p. 109. (Tradução nossa do inglês).

¹³⁷ *Ib.*, p. 112.

Ao final da Idade Média, a Europa Ocidental será palco de uma enorme controvérsia sobre o lugar e o papel das mulheres na sociedade. A misoginia e misogamia expressou-se abertamente, e obteve coesão social, por meio de libelos, peças de teatro, romances, histórias populares, sermões e legislações.¹³⁸ Instalou-se um debate político e literário onde vozes se levantaram para fazer a defesa das mulheres. A *Querelle des femmes*, movimento político e literário, é resultado desse momento de polaridade na política sexual e se caracteriza por grande enfrentamento entre textos a favor e contra as mulheres. Ao fechamento dos espaços de possibilidade de liberdade feminina seguem-se fortes resistências das mulheres. Esse debate literário se reverbera para além do século XV, quando surgem novas estratégias de desautorização feminina, como a negação de autoria de textos e o não reconhecimento de mulheres como autoras.¹³⁹ Essa corrente hostil traduzia o repúdio pela liberdade, autonomia e afirmação pessoal das mulheres por meio de sua literatura.¹⁴⁰ Sem dúvida, os estudos que negativaram a existência de Trótula foram influenciados por essas diretrizes patriarcais que buscaram excluir as mulheres dos espaços de decisão, da cultura e da palavra.

O Humanismo e o Renascimento aportam uma nova forma de se ver as relações dos e entre os sexos. Allen constata a presença da Teoria da Igualdade ou da Unidade dos Sexos que sustenta que homens e mulheres são iguais, que se instaura sem que a forma anterior de ver tais relações desapareça. Allen e Rivera veem aqui nítido retrocesso em relação à Teoria da Complementaridade, pois comporta a falácia do pretense “neutro universal”, o que se justifica: a unidade dos sexos é argumento que limita apenas a mulher, passando o masculino a ser medida tanto para homens quanto para mulheres.¹⁴¹ A “masculinização” de Trótula, no século XVI, assenta suas raízes nessas mudanças gerais que se operavam no controle da ciência e nas relações sociais de gênero. Joan Kelly-Gadol, ao estudar a Itália renascentista do período 1350-1530, positiva o retrocesso que o Renascimento importou para as mulheres. As novas formas de expressão social e cultural não contemplaram as mulheres. Contrariamente, experimentaram a diminuição de opções sociais e pessoais, não importando se pertencentes à nobreza ou à burguesia. A nova conformação política de Estado e sociedade, que emergia, também se expressa na relação entre os sexos – de dependência e dominação da mulher ao homem. O modelo burguês redefinirá os papéis sexuais, alocando o homem na esfera pública e a mulher

¹³⁸ ANDERSON, Bonnie S.; ZINSSER, Judith P. *Historia de las mujeres: una historia propia*. Barcelona: Critica, 1991. v. 2, p. 456-465.

¹³⁹ JORNET I BENITO, op. cit., p. 49.

¹⁴⁰ VARELA RODRIGUEZ, op. cit., p. 415.

¹⁴¹ RIVERA GARRETAS, María-Milagros. *La diferencia sexual en la historia*. Valencia: PUV, 2005, p. 100.

no lar. Este fenômeno histórico e cultural colocará o poder político e cultural quase que inteiramente nas mãos dos homens. Tanto a concepção aristocrática, quanto a burguesa, definirão para além da passividade e submissão, a maternidade e a castidade como valores primais da mulher, ao tempo que impõe restrições à sexualidade feminina.¹⁴² Aos homens o trabalho produtivo; às mulheres o trabalho reprodutivo.

O Humanismo que impulsiona a sociedade renascentista para a educação, primordial para a sociedade em renovação, restringe e limita o acesso das mulheres, quando comparado às possibilidades que concediam ao homem. Ainda que abastadas, as mulheres recebiam uma educação que priorizava as tarefas do lar e a devoção religiosa.¹⁴³ Correndo em paralelo ao movimento cultural humanista, a Reforma Protestante também resultará em mudança na condição feminina na época, exigindo-lhe obediência, subserviência (às Sagradas Escrituras e ao marido) e limitação à esfera privada. Interpretando o Livro dos Gênesis, Lutero explicará que ainda que a mulher seja a obra mais bela de Deus, ainda assim não é igual ao homem em glória e prestígio.¹⁴⁴ A lógica do pensamento masculino renascentista não comporta uma mulher plenipotenciária como Trótula de Salerno e justifica a reiterada inaceitação de sua existência e capacidade intelectual para elaborar tratados científicos.

O Século das Luzes reforçará os argumentos, agora científicos, da inferioridade feminina. A filosofia iluminista, embora não unânime, como enfatiza o historiador e sociólogo Itamar de Souza, enfoca constantemente as diferenças fisiológicas e intelectuais que separam radicalmente os sexos, “[...]no homem, domina a razão; na mulher, predomina o útero, que define a sua personalidade, toda a sua maneira de ser, de pensar e de agir.” Souza analisa a visão de inferioridade, de fraqueza e de limitação do intelecto feminino para o estudo da filosofia e da ciência, no discurso de Rousseau: “A procura das verdades abstratas e especulativas, dos princípios, dos axiomas nas ciências, tudo o que tende a generalizar as ideias não é da competência das mulheres[...]”.¹⁴⁵

O discurso sobre a memória e sua relação com o poder ocupa lugar de destaque no campo da história. Ao trabalhar a autoridade e o poder da memória, Núria Benito aborda as

¹⁴² KELLY-GADOL, Joan. Did women have a renaissance? In: BRIDENTHAL, Renate; KOONZ, Claudia (Org.). *Becoming visible: women in European history*. Boston: H. Mifflin, 1977, p. 175-197.

¹⁴³ OLIVEIRA, Susana Paula de Magalhães. *A mulher do renascimento inglês segundo a escolástica e a tradição medieval*. 2009. 176 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Ingleses) – Universidade Aberta, Lisboa, 2009, p. 61-62.

¹⁴⁴ *Ib.*, p. 76.

¹⁴⁵ SOUZA, Itamar de. A mulher e a revolução francesa. *Revista da FARN*, Natal, v.2, n.2, p. 111-124, jan./jul. 2003.

estratégias de desautorização feminina que comportavam a negação da autoria de textos e ao não reconhecimento das mulheres como autoras.¹⁴⁶ Enfatiza que a desautorização das mulheres era já uma constante na sociedade patriarcal, a exemplo do que aconteceu à médica Trótula. É toda essa influência do pensamento renascentista, reforçada pelos valores da Revolução Francesa, que ditará o pensamento das estudiosas e estudiosos, historiadoras e historiadores de Trótula. O suposto nível de inferioridade intelectual, social, político e cultural das mulheres relativamente aos homens está na gênese do discurso que nega a historicidade de Trótula, que resiste ao reconhecimento de uma genealogia feminina na História da Medicina. Nesse contexto, a cassação da existência e identidade de Trótula de Salerno é parte de um movimento maior de natureza política e que se refletirá na cena historiográfica. Segundo María-Milagros Rivera Garretas,¹⁴⁷

[...] cancelar a Trotula y convertirla en hombre serían, en el siglo XVI más que gestos eruditos, gestos políticos. Durante el renacimiento se le negaría así a Trotula tanto el carácter de precedente en una posible genealogia de científicas como capacidad y, sobre todo, autoridad (poder culturalmente legitimado) para escribir un tratado de ginecología, para escribir sobre el cuerpo de las mujeres.

¹⁴⁶JORNET I BENITO, op. cit., p. 40-41.

¹⁴⁷RIVERA GARRETAS, María-Milagros. *Textos y espacios de mujeres: Europa, siglos IV-XV*. Barcelona: Icaria Editorial S.A., 1990, p. 109.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é apenas a paternidade de um tratado que está em questão, mas o estatuto do autor que se vislumbra incompatível com a condição da mulher.

A questão da autoria (ampliada para questionamento da existência histórica e afirmação de uma autoria masculina) ronda os escritos de Trótula de Salerno, desde o século XVI. A razão pela qual se apresentou tão truncada a tradição histórica sobre esses textos se apresenta como questão primordial nos estudos sobre as mulheres e de política sexual. O aniquilamento da possibilidade de inscrição diferenciada das mulheres, no espaço público e no privado, importa em violência simbólica e exige reflexões mais aprofundadas. Não obstante, o panorama de incredulidade que se constrói em torno de Trótula, a partir do século XVI, há uma realidade própria do Ocidente medieval, não minimamente questionada até então. As evidências textuais, icônicas, literárias e anedóticas que levantamos, em nossa pesquisa, convergem para a conformação de que o estatuto social das mulheres em Salerno desempenhou um papel fundamental na formação da medicina das mulheres, no acesso das mulheres ao estudo médico e à literatura. *De curis mulierum* explicitamente se refere a informações obtidas de outras mulheres, algumas das quais refletem uma situação histórica em que mulheres foram capazes, em grande parte, em controlar suas próprias vidas.

A atenção à condição do organismo e fisiologia do corpo feminino despertou em Trótula a vontade de as amparar, de modo que podemos argumentar que seus escritos foram pensados sob o ponto de vista feminino. A mulher é perigosa em virtude de seu mecanismo fisiológico, seu organismo está capacitado a produzir morte e enfermidades, segundo o entendimento da medicina medieval. Esta medicina atribuía à mulher uma série de características e uma fisiologia que representavam uma verdadeira rede de limitações entre homens e mulheres, como assevera Thomasset e Jacquart.¹⁴⁸Essa rede de limitações sensibiliza a *magistra* - sinalização que já nos deparamos no prólogo de *De passionibus mulierum curandarum*.¹⁴⁹Positivamos na atuação profissional de Trótula, tanto originalidade, como magnanimidade ante tais limitações. Entendem que a delicadeza com que Trótula menciona os males especificadamente ginecológicos, bem como sua profunda compreensão da especificidade feminina, são atitudes suficientemente excepcionais na Idade Média. Se excepcionais para uma mulher, podemos concluir pelo alto grau de dificuldade para homens. Neste sentido concluem: “Na verdade, é

¹⁴⁸JACQUART, op. cit., p. 121.

¹⁴⁹ Cf. nota 64.

difícil encontrar condições mais propícias para que entre os dois sexos, e entre a mulher e a ciência, levante-se barreira mais intransponível.”¹⁵⁰

Segundo os estudos da historiadora Claudia Optiz, “a gravidez, o parto e todas as práticas e conhecimentos a eles respeitantes permaneciam ainda, no final da Idade Média, do domínio exclusivo das mulheres: aqui os homens não tinham nem experiência nem direito a pronunciar-se”.¹⁵¹ Quando aprecia o alcance do protagonismo de Trótula na ginecologia, Santucci indaga qual homem medieval deteria o tipo de experiência que ela demonstra ao detalhar uma episiotomia.¹⁵² A ausência de hegemonia masculina no campo profissional de Trótula é flagrante.

O texto *Trotula* se constitui em uma das fontes que abrirá o caminho para que os homens adquiram o conhecimento sobre aspectos inerentes à fisiologia, etiologia e anatomia feminina. Monica Green, ao estudar a ascensão da autoridade masculina no campo da ginecologia, enfatiza que, ainda que os tratados de ginecologia salernitanos tenham como destinatário primeiro as mulheres, uma vez que naquele momento os homens estavam afastados do universo feminino no particular, aos poucos se fez um processo de reapropiamento do conhecimento do corpo e saúde da mulher, por profissionais médicos (e inclusive por curiosos), sobre os segredos da mulher.¹⁵³ Ou seja, esse espaço de atuação feminina na medicina lhes será retirado posteriormente.

Se a Idade Média não duvidou que a autora dos textos médicos aos quais conferia seu nome fosse uma mulher, era porque se encontravam, na realidade do contexto espaço-temporal dos seus contemporâneos, personagens iguais a ela ou ao menos possíveis, no desempenho de suas atividades e que detivessem esses mesmos conhecimentos. Quando tratamos da importância do papel de mulheres em determinadas áreas do conhecimento é comum a observação de se estar diante de uma exceção. Superado o argumento de inexistência histórica de Trótula de Salerno, mulher com expressivo background científico documentado, poder-se-ia cogitar que ela seria apenas uma comprovação de que a exceção comprova a regra. Observamos que, tratando-se da História da Medicina das Mulheres, nem todas publicaram obras médicas. As médicas escritoras seriam apenas a parte visível do iceberg, pois muitas

¹⁵⁰ JACQUART, op. cit., p. 121.

¹⁵¹ OPITZ, Claudia. O cotidiano da mulher no final da Idade Média (1250-1500). In: DUBY, Georges; PERROT Michelle. *História das mulheres: A Idade Média*. Porto: Afrontamento, 1990.

¹⁵² DALL'AVA-SANTUCCI, op. cit., p. 50.

¹⁵³ GREEN, Monica H. *Making women's medicine masculine: The rise of male authority in pre-modern gynaecology*. New York: Oxford University Press Inc., 2008.

exerceram a medicina na obscuridade ou delas não se têm registros, estando assim, fora da memória histórica. No cenário da Idade Média, do século XII, Trótula não parece ser a exceção. Já listamos alhures alguns exemplos de médicas e cirurgiãs apenas em Salerno.¹⁵⁴ A admissibilidade de mulheres com o mesmo talento, estudo e notoriedade de Trótula transitando nos espaços medievais agride o entendimento esposado pela historiografia que prima tanto por um medievo obscuro - período de transição, de compasso de espera pela modernidade-, como por uma História da qual a mulher medieval não teve qualquer expressão. O périplo de Trótula prenuncia o longo caminho e os imensos obstáculos que as mulheres conhecerão ao longo da História. Não apenas no campo da medicina, mas em domínios diversos.

Os séculos XI e XII trazem importantes mudanças para o mundo cultural em geral e, ao mundo do ensino, em particular. As escolas monásticas vivem um momento de esplendor e, em alguns reinos europeus, como o Principado de Salerno, serão fundadas corporações de ensino conhecidas como universidades ou estudos gerais.¹⁵⁵ Vive-se um momento icônico para a ciência da medicina, podendo-se falar em um primeiro “renascimento da medicina”, com epicentro em Salerno.¹⁵⁶ Neste momento também se assinala a codificação do discurso sobre a sexualidade, tendo na obra de Constantino o Africano, *De coitu*, o marco da tradição ocidental. Tais são aspectos que se somam na reconstrução da contextualização da vida e obra de Trótula. Há um discurso sobre sexualidade em andamento, há um impulso efetivo no desenvolvimento da medicina e há uma instituição que organicamente permite produzir um conhecimento sofisticado. E por definitivo, há o acesso franqueado às mulheres nesse espaço de saber. Trótula vive em uma Itália aberta à inteligência feminina, sendo um dos momentos mais propícios para a liberdade da mulher. Como figura feminina significativa na cultura ocidental, com evidente relevância histórica, merece uma abordagem que lhe confira um lugar legítimo na literatura historiográfica e na História da Medicina; que a retire de um espaço lendário, para um espaço de atuação histórica.

A pesquisa da doutora Monica Green conclui que há fortes evidências na história de que as mulheres se ativaram na área médica, sendo a impossibilidade de uma autoria feminina de tratados médicos, no século XI ou XII, uma questão superada. Neste diapasão, chamamos

¹⁵⁴ Cf. notas 48-53.

¹⁵⁵ VARELA RODRIGUEZ, Maria Elisa. La oralidade, la cultura y el aprendizaje. In: RIVERA GARRETAS, María-Milagros (Org.). *Las relaciones en la Historia de la Europa Medieval*. Valencia: Tirant lo Blanch, 2006, p. 403.

¹⁵⁶ GREEN, Monica H. *The Trotula: an english translation of the medieval compendium of women's*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2001, p. 2.

ao diálogo Margareth Rago que, em seus estudos sobre o feminismo, enfatiza a “escrita de si” como processo de construção identitária, ou seja, através das narrativas vivenciais as mulheres se constroem como sujeitos, registrando quais experiências em seu passado elas valorizam ou silenciam.¹⁵⁷ Assim, Trótula propiciou aos seus leitores um acesso a sua história pessoal, ao pensamento feminino em torno do corpo da mulher e a forma pela qual seu conhecimento, esposado em suas obras, poderia auxiliar no tratamento das doenças femininas. As informações trazidas por seus tratados oferecem uma visão sobre as mentalidades, perspectivas e crenças comuns na Itália medieval, informando igualmente de valores morais a valores estéticos. Abre-se às historiadoras e historiadores um campo fértil à pesquisa e estudo. Por esse ângulo, mas sem querer, todavia, reduzir ao silêncio as teses adversas, concluímos que a celeuma historiográfica instalada, no Renascimento, apequena-se diante de tamanha riqueza de informações históricas contidas nas fontes propiciadas pelos tratados estudados.

A ideologização da história produz feitos como a negação à vida de Trótula, cerrando espaços de participação da mulher abertos por meio dos seus registros escritos. Isso equivale a acreditar e insistir na inolvidável inferioridade do sexo feminino. É dentro dessa construção do esquecimento por meio da negação, que Trótula torna-se objeto de escrutínio acadêmico para além do século XVI. Estabelecer a autoridade de um tratado, cujos manuscritos foram repetidamente copiados, apresenta-se normalmente como um desafio recompensador para a historiadora e o historiador. É um trabalho científico que envolve análise textual, análise semântica, análise histórica e análise filológica, observando-se as regras analíticas surgidas no Renascimento e aperfeiçoadas ao longo dos séculos.

A ostensiva prova material da produção literária de Trótula - verdadeiro *corpus* documental da tradição cultural da medicina medieval -, a análise textual destas obras e o contexto no qual se inserem, propugnam por sua existência. A reputação como autoridade em medicina transpõe os limites da Itália. Registros iconográficos, em alguns manuscritos, relacionam *Trotula* texto à Trótula autora. Confirmamos, por definitivo, que não obstante tantas evidências - mais robustas que meros indícios -, o que importa e adquirirá grande espessura na historiografia é a reiteração da invisibilidade das mulheres no contexto histórico. As pesquisas das últimas três décadas, se não apõe uma pá de cal na “questão Trótula”, ao menos esfria o debate no que concerne a sua inserção na História. Admite-se-lhe como reputada mulher que exerceu a medicina até certo nível e escreveu, ou foi a voz por trás, de tratados sobre ginecologia e sexualidade feminina. O desafio para as próximas pesquisas será transpor a barreira da

¹⁵⁷ RAGO, op. cit., p. 32.

legitimação cultural, comprovando o que a sociedade medieval não duvidou: Trótula de Salerno é uma médica com formação acadêmica e teórica robusta, compatível com a autoria de uma obra ginecológica de referência como *De passionibus mulierum curandarum ante, in et post partum*.

REFERÊNCIAS

1. Bibliografia

- ALLEN, Prudence. *The concept of woman: the Aristotelian Revolution (750 BC- Ad 1250)*. Montreal – Londres, Eden Press, 1985.
- ANDERSON, Bonnie S.; ZINSSER, Judith P. *Historia de las mujeres: una historia propia*. Barcelona: Critica, 1991. v.1.
- ANGELETTI, Luciana Rita; GAZZANIGA, Valentina. *Storia, filosofia ed etica generale della medicina*. 3a.ed. Torino: E. Masson, 2008.
- BASCHET, Jérôme. *A civilização feudal: do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Editora Globo, 2009.
- BENTON, John. F. Trotula, women's problems and the professionalization of medicine in the middle ages. *Bulletin of the history of medicine*. Pasadena, n. 59, p. 30-53, nov.1984.
- BERTINI, Ferruccio. Trotula, il medico. In: _____. *Medioevo al femminile*. Bari: Editori Laterza, 2005.
- BIFULCO, Maurizio et al. A focus on Trotula de Ruggiero: a pioneer in women's and children's health in history of medicine. *The Journal of Maternal-Fetal & Neonatal Medicine*, v. 27, n. 2, 2014. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23662591>>. Acesso em 30 jul. 2016.
- _____. *The first cosmetic treatise of history. A female point of view. International Journal of Cosmetic Science*. v. 30, n. 2, p. 79-86, apr.2008. Disponível em <<http://www.associazioneermes.it/ricerca.htm>>. Acesso em 03 jul. 2015.
- BOLOGNE, Jean-Claude. *História do pudor*. Rio de Janeiro: Elfos Editora, 1990.
- CAPPARONI, Pietro. “*Magistri Salernitani Nondum Cogniti*”. London: J. Bales, Sons and Danielson, Ltd., 1923.
- CATANANTI, Cesare. *Medicina, valori e interessi (dichiarati e nascoti)*. Milano: Vita & Pensiero, 2002.
- DALL’AVA-SANTUCCI, Josette. *Mulheres e médicas: as pioneiras da medicina*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- DE RENZI, Salvatore. *Storia documentatata della Scuola Medica di Salerno*. 2. ed., Milano: [s.n.], 1857.
- FLANERY, Mary C. The concept of shame in late-medieval english literature. *Literature Compass*, v. 9, n. 2, p. 166–182, feb.2012.
- GREEN, Monica H. In search of an "authentic" women's medicine: the strange fates of Trota of Salerno and Hildegard of Bingen. *Dynamics: acta hispanica ad medicinae scientiarumque historiam illustrandam*, Granada, v. 19, 25-54, 1999.

_____. Women's medical practice and health care in medieval Europe. *Signs: journal of women in culture and society*. Inverno 1989, v.14.

_____. *Making women's medicine masculine: The rise of male authority in pre-modern gynaecology*. New York: Oxford University Press Inc., 2008.

_____. *The Trotula: a medieval compendium of women's medicine*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2013.

HASKINS, Charles Homer. *A ascensão das universidades*. Santa Catarina: Livraria Danúbio, 2015.

HURD-MEAD, Kate Campbell. *A history of women in medicine, from the earliest times to the beginning of the nineteenth century*. New York: AMS-Press, 1977.

JACQUART, Danielle; THOMASSET, Claude. *Sexualidad y saber médico en la Edad Media*. Barcelona: Labor Universitaria Monografías, 1989.

JORNET I BENITO, Nuria. La relación com los recuerdos: la autoridade y el poder de la memória. In: RIVERA GARRETAS, María-Milagros (Org.). *Las relaciones en la Historia de la Europa Medieval*. Valencia: Tirant lo Blanch, 2006.

KELLY-GADOL, Joan. *Did women have a renaissance?* In: BRIDENTHAL, Renate, KOONZ, Claudia (Org.). *Becoming visible: women in European history*. Boston: H. Mifflin, 1977.

MEYER, Paul. *Les manuscrits français de Cambridge*. III – Trinity College. Paris, 1903.

OLIVEIRA, Susana Paula de Magalhães. *A mulher do renascimento inglês segundo a escolástica e a tradição medieval*. 2009. 176 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Ingleses) – Universidade Aberta, Lisboa, 2009.

OPITZ, Claudia. O quotidiano da mulher no final da Idade Média (1250-1500). In: DUBY, Georges, PERROT Michelle. *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento, 1990, v.2.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PRIORESCHI, Plinio. *A history of medicine*. Omaha: Horatius Press, 2003. v. 5.

RAGO, Luzia Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

RINCK, Christine Dombourian. *Trotula and Hildegard: reflections of female medieval medicine*. 2007. 208 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Artes e Ciências. Universidade de Missouri, Kansas City.

RIVERA GARRETAS, María-Milagros. *La diferencia sexual en la historia*. Valencia: PUV, 2005.

_____. *Textos y espacios de mujeres: Europa, siglos IV-XV*. Barcelona: Icaria Editorial S.A., 1990.

ROWLAND, Beryl. Exhuming Trotula, *sapiens materna* of Salerno. *Florilegium*, v. 1, p. 42-57, 1979.

SAMAILI, Soraya. *Os árabes e suas contribuições para a ciência e medicina*. Instituto da Cultura Árabe, 23.10.2009. Disponível em: <<http://www.icarabe.org/artigos/os-arabes-e-suas-contribuicoes-para-a-ciencia-e-medicina>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

SOUZA, Itamar de. A mulher e a revolução francesa. *Revista da FARN*, Natal, v.2, n.2, p. 111-124, jan./jul. 2003.

STUARD, Susan Mosher. Dame Trot. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, Chicago, v. 1, n. 2, p. 537-542, 1975.

VARELA RODRIGUEZ, Maria Elisa. La oralidade, la cultura y el aprendizaje. In: RIVERA GARRETAS, María-Milagros (Org.). *Las relaciones en la historia de la Europa medieval*. Valencia: Tirant lo Blanch, 2006.

2. Fontes primárias

De passionibus mulierum curandarum ante, in et post partum. In: GREEN, Monica H. *The Trotula: a medieval compendium of women's medicine*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2013.

De curis mulierum. In: GREEN, Monica H. *The Trotula: a medieval compendium of women's medicine*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2013.

De ornatu mulierum. In: GREEN, Monica H. *The Trotula: a medieval compendium of women's medicine*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2013.

Thesaurus pauperum sive Speculum puerorum. Biblioteca Nacional de Portugal. Disponível em: <http://purl.pt/22005/4/inc-1425_PDF/inc-1425_PDF_24-C-R0150/inc-1425_0000_1-88_t24-C-R0150.pdf>. Acesso em: 16 out.2016.

Chartularium universitatis Parisiensis, II. Disponível em: <<https://archive.org/details/chartulariumuniv02univuoft>>. Acesso em: 20 ago.2016.

3. Iconografia.

Figura 1.

Imagem constante do manuscrito *Liber Trotile*, que integra a *Miscellanea medica XVIII* – coletânea de tratados. Wellcome Library, em Londres. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Trotula_of_Salerno_Miscellanea_medica_XVIII_Early_14th_Century.jpg>. Acesso em: 13 set.2016.

Figura 2.

Imagem constante da Enciclopédia *L'Image du Monde*, de Gautier de Metz. Rennes, Bibliothèque Municipale, MS 593, folio 531v - 532r. Disponível em: <http://bvmm.irht.cnrs.fr/resultRecherche/resultRecherche.php?COMPOSITION_ID=16656> Acesso em: 13 set.2016.